Agradecimentos

A realização de um trabalho no qual o investimento pessoal foi elevado, existem pessoas importantes e que, directa ou indirectamente, proporcionam uma colaboração fundamental. Assim sendo,

Ao Prof. Doutor Júlio Garganta, pela disponibilidade, dedicação e prontidão com que sempre me orientou na realização deste trabalho;

À D.ª Mafalda e D.ª Virgínia (Biblioteca) pela paciência e ajuda prestada na busca da literatura pesquisada;

Aos meus pais e irmão, pela compreensão face a minha disponibilidade condicionada;

Aos meus avós pelo incentivo;

À Rita, pela companhia, atenção e carinho dedicados, ao longo deste documento,

A todos que não refiro mas que, de uma forma mais ou menos directa, colaboraram na realização deste documento,

A todos, obrigado!

ÍNDICE

RESUMO **4**

ÍNDICE DE FIGURAS **6**

ÍNDICE DE QUADROS **7**

1. INTRODUÇÃO **9**

2. REVISÃO DA LITERATURA **11**

2.1. Equipas enquanto sistemas dinâmicos auto-organizados 12

2.1.1. O jogo de Futebol enquanto sistema dinâmico auto-organizado 14

2.2. Definição da organização defensiva no modelo de jogo 16

2.3. Organização do processo defensivo 18

2.4. Definição e evolução do conceito de marcação 19

2.5. Tipos de Organização Defensiva 21

2.5.1. Entendimento e evolução do conceito de defesa à zona. 23

2.5.2. Defesa *Zona pressing* 30

2.5.2.1. O *pressing* para conquistar a posse de bola 34

2.5.2.2. Defesa *Zona pressing* e relação dos factores: número, espaço e tempo. 35

2.5.2.2.1. A velocidade mental: factor fundamental no Futebol. 37

2.5.2.3. Importância da zona e forma de recuperação da posse de bola. 38

2.5.2.4. *Zona pressing*: componente física *vs* treino integrado 39

2.6. As transições no Futebol. 42

2.6.1. Contributo da defesa *zona pressing* para o sucesso destas fases do jogo. 42

2.6.2. Transição ataque-defesa 43

2.6.3. Transição defesa-ataque 44

3. MATERIAL E MÉTODOS **45**

3.1. Objectivos e Hipóteses 45

3.2. Amostra 46

3.2.1. Recolha dos dados 46

3.3. Explicitação das variáveis 46

3.3.1. Resultado Parcial do Jogo (R Parc) 46

3.3.2. Tipo de Organização Defensiva (TOD) 46

3.3.2.1. Zona Activa (ZA) 47

3.3.2.2. Zona Passiva (ZP) 47
3.3.2.3. Contenção Avançada (Cav) 47
3.3.2.4. *Zona pressing* (Zpress) 48
3.3.3. Número de jogadores da equipa em fase defensiva intervenientes na zona da bola (NJDZ). 48
3.3.4. Zona de recuperação / aquisição da posse da bola (ZAB) 48
3.3.5. Formas de aquisição / recuperação da posse de bola (FAB) 49
3.3.5.1. Intercepção (I) 49
3.3.5.2. Desarme (D) 49
3.3.5.3. Erro do Adversário (ErrA) 50
3.3.5.4. Golo do Adversário (Golo) 50
3.3.6. Posse de bola 50
3.3.7. Finalização (Fin) 50
3.3.8. Zona de Perda da Posse de Bola (ZPB) 50
3.4. Fiabilidade Intra-observador 51
3.5. Método e Procedimentos Estatísticos 52
3.6. Material Utilizado 52
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 53
4.1. Tipos de organização defensiva 53
4.2. Tipos de organização defensiva e resultado parcial 54
4.3. Tipo de organização defensiva e número de jogadores envolvidos na recuperação da posse de bola. 57
4.4. Tipo de organização defensiva e zona de recuperação da posse da bola. 62
4.4.1. Zona de recuperação da bola e finalização 66
4.5. Tipo de organização defensiva e forma de recuperação da bola. 69
4.5.1. Forma de recuperação da posse de bola e finalização. 73
4.6. Tipo de organização defensiva e zona de perda da posse da bola. 76
4.7. Tipo de organização defensiva e finalização. 79
5. CONCLUSÕES 82
6. SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS 84
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 85
8. ANEXOS 90

Resumo

O objectivo deste trabalho foi conhecer as consequências para fase ofensiva quando o tipo de organização defensiva *zona pressing* é posta em prática. A metodologia empregue para a consecução deste objectivo consistiu, numa primeira fase, na revisão crítica da literatura sobre a problemática e, numa segunda fase, na observação e análise de jogos. As variáveis observadas foram: resultado parcial, tipo de organização defensiva, número de jogadores da equipa que se encontra em fase defensiva na zona da bola, zona e forma de recuperação da posse de bola, zona de perda da posse de bola e finalização. Verificou-se que a defesa à zona manifesta um padrão defensivo colectivo, complexo, dinâmico e adaptativo, que vê nos espaços os alvos de marcação colectiva para, desse modo, colocar o adversário sobre grande constrangimento espaço-temporal. A defesa *zona pressing* evolui desta organização defensiva, revelando uma procura da recuperação da posse de bola, mais agressiva.

A amostra deste estudo foi composta por 578 sequências retiradas da observação de jogos de finais de competições europeias. A inserção dos dados na grelha de registo e o tratamento estatístico indicado (médias, desvios padrão, amplitude de variação e correlações) para os objectivos propostos, permitiu retirar as seguintes conclusões:

- - A *zona pressing* foi o tipo de organização defensiva mais frequente (35,8%), seguindo-se a zona passiva (23,0%), a zona activa (20,9%) e a contenção avançada (20,2%);
- - A vantagem numérica relativa da equipa em fase defensiva na zona da bola (75,6%) revelou-se mais frequente do que as situações de igualdade (15,1%) e inferioridade numérica (9%);
- - A *zona pressing* (51%) destaca-se da contenção avançada (38%), da zona passiva (36%) e da zona activa (30%) no que concerne à perda da bola no sector ofensivo, mas nenhum destes tipos de organização defensiva têm associação com a perda da posse de bola nos sectores médio ofensivo e ofensivo;
- - No tipo de organização defensiva *zona pressing,* prevaleceram a intercepção (47,8%) e o desarme (31,9%), como as formas de recuperação da posse de bola mais prevalente o que, simultaneamente, não interrompe o fluxo do jogo;
- - Correlações positivas com o desarme (r = 0,22) e negativa com o erro adversário (r = - 0,13) e com o golo sofrido (r = - 0,08), confirmam que a *zona pressing*

aumenta a frequência de recuperação da posse de bola sem interrupção do fluxo do jogo;

- - Constatou-se que a frequência de finalizações proporcionada pela recuperação da bola em defesa em *zona pressing* (65,5%) prevalece relativamente à contenção avançada (12,7%), à zona passiva (12,7%) e à zona activa (9,1%).
- - A *zona pressing* destaca-se por contabilizar 85,7% dos golos, 100% dos remates enviados ao poste, 68,3% das finalizações defendidas pelos guarda-redes e 60,7% das finalizações para fora;
- - A defesa em *zona pressing* surge associada às finalizações interceptadas pelo guarda-redes (r=0,18), aos golos (r=0,12) e às que saem pela linha final (r=0,02), dando, assim, indícios que esta desempenha o papel importante na perturbação do equilíbrio estratégico - táctico da equipa adversária e confirmando-a como percursora do aumento das finalizações.

Palavras-chave: organização defensiva, defesa à zona, defesa *zona pressing*, recuperação da bola, finalização.

Índice de figuras

Pág.

Figura 1. Campograma correspondente à divisão topográfica do terreno de jogo em 12 zonas 49
Figura 2. Fórmula de Bellack (cit. Garganta, 1997) para verificação da fiabilidade intra-observado 51
Figura 3. Gráficos do tipo de organização defensiva utilizados na recuperação da bola 53
Figura 5. Gráfico da quantidade de observações do resultado parcial em função do tipo de organização defensiva 55
Figura 6. Gráfico do número de jogadores envolvidos na recuperação da posse de bola 58
Figura 7. Gráfico dos tipos de organização defensiva em função do número de jogadores defensivos na zona da bola 60
Figura 8. Gráfico da distribuição relativas das recuperações da posse de bola pelos sectores do campo em função dos tipos de organização defensiva 63
Figura 9. Gráfico da distribuição relativas das finalizações em função das zonas de recuperação da posse da bola (sectores) 67
Figura 10. Gráfico da distribuição relativas das recuperações da posse de bola 70
Figura 11. Gráfico da distribuição relativas das formas de recuperação da posse de bola em função dos tipos de organização defensiva 71
Figura 12. Gráfico da distribuição relativas das formas de recuperação da posse de bola em função do número de jogadores em fase defensiva na zona da bola 72
Figura 13. Gráfico da distribuição relativas das finalizações em função da forma de recuperação da posse de bola 74
Figura 14. Gráfico da distribuição relativas zonas de perda da posse de bola em função dos sectores do campo 76
Figura 15. Gráfico da distribuição relativas finalizações em função dos tipos de organização defensiva 79

Índice de quadros

Pág.

Quadro 1 – Princípios de caracterizam a defesa *Zona pressing* 41
Quadro 2 – Factores negativos da Defesa *Zona pressing* 41
Quadro 3 – Jogos que compõem a amostra deste estudo 46
Quadro 4 – Percentagens obtidas no teste de fiabilidade intra-observador pelas variáveis em estudo 51
Quadro 5 – Tipo de organização defensiva, medidas de tendência central e de dispersão 53
Quadro 6 – Tipo de Organização Defensiva em função dos resultados parciais 54
Quadro 7 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e os resultados parciais 56
Quadro 8 – Frequências do número de jogadores defensivos na zona da bola 57
Quadro 9 – Número de jogadores defensivos na zona da bola e medidas de tendência central e de dispersão 58
Quadro 10 – Tipo de organização defensiva, número de jogadores defensivos na zona da bola e medidas de tendência central e de dispersão 59
Quadro 11 – Correlação entre o número de jogadores defensivos na zona da bola e os tipos de organização defensiva 61
Quadro 12 – Percentagem de recuperação da posse de bola pelos sectores do campo em função do tipo de organização defensiva 62
Quadro 13 – Distribuição de recuperação da posse de bola pelos sectores do campo em função do tipo de organização defensiva 64
Quadro 14 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e a zona de recuperação da bola 65
Quadro 15 – Frequências de finalização em função da zona de recuperação da bola por sectores 67
Quadro 16 – Correlação entre a zona de recuperação da bola e a finalização 68
Quadro 17 – Formas de recuperação da bola em função do tipo de organização defensiva e do número de jogadores defensivos na zona da bola 69
Quadro 18 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e a forma de aquisição da bola 73
Quadro 19 – Distribuição das finalizações em função da forma de recuperação da bola 74

Quadro 20 – Correlação entre a forma de recuperação da bola e a finalização 75
Quadro 21 – Zona da perda da posse da bola em função dos tipos de organização defensiva.....76
Quadro 22 – Correlação entre a zona da perda da posse de bola e os tipos de organização defensiva.....78
Quadro 23 – Finalização em função do tipo de organização defensiva e do número de jogadores defensivos na zona da bola.....80
Quadro 24 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e a finalização 81

1. Introdução

O Futebol, enquanto fenómeno desportivo, tem vindo a ser estudado há décadas e segundo várias perspectivas. A uma fase cujo objectivo era o conhecimento das exigências energético-funcionais, já amplamente estudada, contrapõe-se outra mais recente que busca o entendimento nas perspectivas táctica, dinâmica e complexa.

Como refere Garganta (1997), qualquer matriz de observação do jogo deverá ter como núcleo director a dimensão táctica, já que, é nela e através dela que se consubstanciam os comportamentos que ocorrem numa partida.

Ao longo da nossa formação académica, muita da informação que assimilamos nas várias áreas do conhecimento levantou questões levou ao despertar de questões do que se verificava e observava na prática.

Sobre o Futebol muitas questões surgiram. Alguns dos conceitos abordados nas aulas de Metodologia I e II, que são, como se sabe, de base científica, entram frequentemente em confronto com aquilo que se observa em comentários de programas televisivos ou radiofónicos e, mais grave ainda, não se constatam nos treinos e jogos de várias equipas de Futebol.

A visão da defesa à zona não era bem clara e uma das discussões de maior conflito era a da organização defensiva à zona. Verificando discrepâncias no que respeita ao entendimento deste tipo de organização defensiva pelos diferentes treinadores, que o preconizam nas suas equipas ou dizem fazê-lo (!), assim surgiu a ideia do estudo.

Percebeu-se ainda que, as equipas de topo, defendem organizadas em zona associando uma intenção incessante de procura da posse de bola, denominada de *pressing*. Pela observação, na prática, verificou-se ainda que, o *pressing* das equipas de topo não se limitava à opressão do ataque adversário mas com essa organização defensiva beneficiam de proveitos ofensivos.

A pertinência do estudo e o seu tema foram encontrados: organização defensiva em *Zona pressing* como percursor do aumento das finalizações.

No presente estudo, sustentado no entendimento dinâmico da organização táctica do jogo, procurou-se a compreensão de como a organização defensiva da equipa pode ser interpretada como factor facilitador das finalizações.

Concorrendo para esse objectivo, realizar-se-á uma revisão da literatura para melhor se compreender a defesa à zona e defesa em *zona pressing* e observar-se-á esses tipos de organização defensiva em equipas de topo. Para uma melhor planificação desta análise, os resultados obtidos serão apresentados e discutidos (em textos, tabelas, figuras) para que, na parte final, possam ser retiradas algumas conclusões.

2. Revisão da Literatura

As situações que, no contexto dos Jogos Desportivos Colectivos (JDC), acontecem num jogo de Futebol, devem ser compreendidas como acções de natureza complexa, decorrentes do extenso número de variáveis do jogo mas também da imprevisibilidade e aleatoriedade das situações que se colocam às equipas e aos seus componentes (Garganta, 1997).

Enquanto actividade fértil em acontecimentos cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser determinadas antecipadamente, o Futebol requer dos jogadores uma permanente atitude estratégico-táctica (Garganta, 1997).

Devido à mutabilidade constante das situações de jogo, decorre uma visão dinâmica de adaptação da atitude, comportamento e organização da equipa às circunstâncias encontradas no momento. Por outras palavras, numa mecânica de ajustamento às modificações do contexto (i.e. provocadas pelo adversário) a equipa deve reorganizar-se para responder às exigências colocadas.

Pela perspectiva de reorganização dos sistemas, é válido considerarmos uma oscilação na organização ofensiva e defensiva de uma equipa, tal como um sistema dinâmico, que desencadeará uma reorganização do sistema adversário. Propugnando uma organização defensiva colectiva em *Zona pressing* mais activa e dinâmica, na qual os defesas oposicionam sem cessar os jogadores da equipa adversária através da pressão ao portador da bola, limitando-lhe o espaço de acção e impedindo-o de actuar com tranquilidade (Wanceulen Moreno, 1995).

Assim, faz sentido a sua compreensão num âmbito mais aprofundado. Face a todo o dinamismo e constante transformação do sistema de que a equipa é e faz parte, há todo o interesse em conhecer uma teoria que se debruça sobre a capacidade que os sistemas têm para se auto-reorganizarem.

É nessa direcção que se desenvolve o ponto seguinte.

2.1. Equipas enquanto sistemas dinâmicos auto-organizados

Como modalidade aberta, o futebol, decorre num contexto de grande variabilidade e aleatoriedade em que as equipas estabelecem relações de oposição e de cooperação (Dugrand, 1989; Garganta 1997). Estas relações aparentemente antagónicas, em contexto aleatório e instável traduzem a essência do Futebol como JDC (Garganta e Pinto, 1998).

Para Garganta (1997) a metodologia ideal, para a abordagem de um jogo aconteceria sem se descurar a especificidade do confronto na sua complexa latitude. Embora muitos dos acontecimentos de uma partida de futebol sejam aleatórios, a interacção que se estabelece entre as equipas, resultante desse mesmo confronto entre ambas, não depende exclusivamente do acaso. Compreende-se que, dessa forma, os processos de preparação e de treino perderiam toda a sua aplicabilidade.

As acções de cada equipa inscrevem-se numa lógica fundada em princípios de acção e regras de gestão, decorrentes de concepções e modelos de jogo, em relação aos quais pode ser aferida e treinada a coerência das acções dos jogadores. Na concretização desse processo, através dos comportamentos tácticos dos jogadores, as equipas, enquanto sistemas, revelam as suas formas peculiares de organização nesse mesmo contexto de confronto e cooperação. (Garganta, 1997) Assim, na prática desportiva as equipas demonstram certos padrões ou traços de jogo próprios, característicos e independentes do adversário, é então aceite que as equipas usufruam desse fenótipo de jogo para estudarem os seus adversários. No entanto, respostas desenvolvidas na dependência da acção adversária, buscando adequar-se ao oponente que ao mesmo tempo as condiciona, também se verificam. Isso torna difícil a identificação das respostas que são não-variantes, padronizadas, face às que se desenvolveram de forma adaptativa e condicionada. A complexidade agrava-se com a constatação de que os jogadores reagem de forma diversa em situações idênticas mas quando em confronto com diferentes oponentes (MacGarry 2002).

Ou seja, do confronto de vectores de finalização opostos (em prole de um objectivo comum) surge uma interacção cooperativa resultante do desempenho das equipas que se debatem, cujos comportamentos adoptados são antagónicos mas, primeiro, estruturados de acordo com as potencialidades da própria equipa – traços de jogo independentes, característicos e padronizados – e, segundo, em função do estudo da equipa adversária – traços de jogo dependentes, adequados e condicionados, simultaneamente, face ao oponente – desenvolvendo-se assim, um eixo de cooperação defensiva e ofensiva.

Sendo a equipa um sistema dinâmico em constante aprendizagem e adaptação, no que toca às tácticas que confiram mais força ao seu cerne e, relativamente ao adversário, que o ponham no trilho da construção de posições mais vantajosas (que lhe confiram superioridade em qualquer situação face a equipas diferentes); descortina-se então uma antítese relativamente à previsibilidade e constância do desempenho desse núcleo que a equipa representa, no que toca ao conhecimento do seu desempenho, o que faz questionar a validade dos sistemas de análise descritiva do desporto (MacGarry 2002).

A influência que as equipas exercem entre si, é, em parte, explicada pela teoria dos sistemas dinâmicos de auto-regulação. Esta considera a complexidade dos padrões espaço-temporais que caracterizam o confronto desportivo como um sistema dinâmico. Define que a compreensão da mecânica dos sistemas complexos passa por explicar como a regularidade emerge num sistema constituído por níveis de liberdade em fluxo constante (MacGarry, 2002).

A linha que sustenta esta teoria (e outras semelhantes) é a propriedade de auto-(re)organização como resposta às alterações dos elementos do contexto que comprometem a organização equilibrada do sistema. Na prática, uma ligeira alteração *ao* sistema pode implicar grandes adaptações para a reorganização *do* mesmo, para que daí resulte o equilíbrio.

Contextualizando ao desporto, Cunha e Silva (1995), coloca o jogar na fronteira entre o caos e a ordem. Esta perspectiva, que deriva da teoria do caos e da complexidade dos sistemas dinâmicos, considera que um sistema

complexo possui vários níveis de liberdade onde a relação entre a informação recebida (percepção do contexto) e o comportamento não é linear (Davids, 1994). Por outras palavras, mais uma vez se conclui que, não é fácil prever o comportamento num sistema complexo devido à interacção entre numerosos componentes, já que o desempenho da equipa depende muito do feedback adversário.

2.1.1. O jogo de Futebol enquanto sistema dinâmico auto-organizado

No âmbito da modelação do jogo de Futebol do ponto de vista táctico, a análise tem-se focado fundamentalmente mais no produto do que no processo. Sendo o jogo uma sequência global configurada a partir de várias sequências parcelares, afigura-se vantajoso contextualizar as acções do jogo em referncia a unidades tácticas sequenciais, para a partir delas inteligir a organização das equipas. As sequências constituem-se "unidades funcionais do jogo" que, no seu conjunto, encerram informação essencial que permite configurar uma matriz organizacional das equipas, na medida em que exprimem uma funcionalidade característica.

As equipas, enquanto sistemas auto-organizados, exibem, num plano macroscópico, ordem e forma que decorrem do conjunto de interacções que se processam entre os jogadores. No decurso do jogo a equipa tem que perturbar ou romper o estado de equilíbrio do adversário, com o intuito global de gerar desordem na sua organização (Garganta, 1997).

Para tal, os jogadores procuram desenvolver acções que contribuam para dois aspectos importantes: (1) a coerência lógica resultante do carácter unitário dos comportamentos táctico-técnicos reconhecidos na estabilidade e na organização intra equipa; (2) a procura de criar desequilíbrios ou ruptura na organização da equipa opositora, com o intuito de contraria a coerência lógica interna do adversário (Bacconi &Marella, 1995 cit. Garganta, 1997).

A noção que a perturbação pode acarretar uma desorganização no comportamento do sistema foi analisado no contexto do Futebol (Gréhaigne, 1997).

Os desequilíbrios causados impulsionam, num sistema dinâmico, a sua capacidade reorganização. A mudança aleatória de um elemento do sistema serve para perturbá-lo e dar início à transição não linear que ocorre em sistemas dinâmicos de auto-organização (MacGarry, 2002).

Assim, como defende Garganta (1997), as equipas funcionam num registo de uma termodinâmica do não-equilíbrio já que, é possível desenvolver mecanismos de auto-organização que criem sentido a partir da aleatoriedade.

Carvalhal (2001), partilha de idêntica perspectiva, mencionando que consoante o tipo de perturbação ao sistema, no momento em que este se torna instável, surge um outro tipo de organização que combate as condições de não-equilíbrio e que permitem o aparecimento espontâneo de estruturas que evidenciam uma certa ordem. O autor exemplifica esta questão com as transições, momentos em que uma equipa se tenta organizar de modo a ultrapassar essa alteração do equilíbrio.

Já Hughes (1998), definiu essa mesma perturbação no Futebol como um incidente que altera o fluxo do ritmo do ataque e da defesa e que pode, ou não, originar uma oportunidade de finalização. No seu estudo, após a finalização, a jogada era reanalisada no sentido de se identificar qual a acção que teria originado essa oportunidade. Um passe em penetração, um drible, mudança de ritmo ou velocidade, uma finta ou habilidade foram exemplos de perturbações para a defesa e que permitiram oportunidades de finalização ao ataque. Para facilitar a compreensão, o autor caracterizou os incidentes críticos em três categorias:

(i) Jogador com bola: passes errados, passes fora de tempo, jogador desarmado no momento do passe;

(ii) Intercepções: intercepções, desvios de passes e cabeceamentos do defesa para longe;

(iii) Receptores: desarmado pelo defesa ou sofrendo falta no momento de recepção, perda de controlo da bola e desmarcação fora de tempo.

Os resultados deste estudo apontaram como causas mais frequentes de perturbação as associadas ao jogador com bola (47%) e as realizadas pelos jogadores defensivos (41%). Defensivamente, a intercepção (68%) revelou-se como a mais frequente, estando fortemente relacionada com a imprecisão dos passes. Reconhece-se assim que a perturbação pode resultar de factos aleatórios para além daquela que é causada por acção directa do oponente. Neste estudo, a ausência de interpretação acerca do tipo de organização defensiva (TOD) levada a cabo sensibiliza-nos para a necessidade de uma análise mais direccionada para o papel da mesma no desencadear na perturbação. Considerando a existência de muitos sistemas, torna-se relevante verificar qual deles contribui com maior frequência para as finalizações. É nesse sentido que se vai desenvolver este documento.

Sabendo que a equipa necessita da definição de estratégias e atitudes planificadas e coordenadas no sentido de se superiorizarem ao adversário (Garganta, 1997; Carvalhal, 2001), no contexto da planificação desportiva, a definição do tipo de organização defensiva no modelo de jogo adoptado, revela-se fundamental para todo o processo, no sentido em que a equipa conheça o caminho a desbravar para causar a perturbação. É sobre essa linha de ideias de funcionamento que se debruça o ponto seguinte, dando maior ênfase à organização defensiva.

2.2. Definição da organização defensiva no modelo de jogo

Como já foi referido, o Futebol é uma modalidade com leis estritamente definidas que decorre num contexto de grande variabilidade e aleatoriedade em que, as equipas alicerçadas em relações de oposição e cooperação, lutam para gerir o espaço e o tempo (Dugrand, 1989; Garganta, 1997).

Esta problemática faz com que se torne fundamental estabelecer um Modelo de Jogo Adaptado (MJA), isto é, um guião que define e orienta o tratamento das diferentes componentes (Oliveira, 1991). Este MJA, referência ao qual toda a equipa se subordina, facilita a melhor e comum interpretação da estrutura do jogo e o seu desenvolvimento, ou seja, pode ser definido como um corpo de ideias de como se quer que o jogo seja praticado (Graça e Oliveira, 1998). O MJA depende então de um sistema de relações que articula uma determinada forma de jogar baseada numa estrutura específica (Carvalhal, 2001).

Esta componente táctica, que engloba as acções colectivas da equipa comandadas por um determinado conjunto de princípios, ganha então significado como Cultura Táctica no Modelo de Jogo Defensivo preconizado. É através deste MJA que se transporta a complexidade difícil de entender quando fragmentada (Oliveira, 1991) com fundamento de simplificar realidades complexas.

É assim coerente delinear o sistema defensivo concorrente com o MJA para que desse modo, se desenvolvam comportamentos tácticos (cultura táctica), não resultantes do improviso mas decorrentes das sequências tácticas exercitadas nas sessões de treino. A repetição sistemática dos da organização defensiva nos exercícios de treino é fundamental, uma vez que a repetição intencional dos exercícios (orientados para o MJA) precede as aprendizagens (Bordieu 1998, cit. Carvalhal, 2001) dos comportamentos que devem despontar em jogo. Ou seja, na prática, o que se pretende é que esses mesmos princípios da organização defensiva sejam compreendidos pelos jogadores e que, em determinado momento, estes os interpretem de forma adequada e respondam coordenadamente à situação.

Podemos constatar que a directriz dos comportamentos de uma equipa no desenrolar do jogo deve ir de encontro ao modelo de jogo preconizado pelo treinador. É nesse sentido que são desenvolvidos os processos de treinos quer da organização colectiva defensiva como ofensiva.

Tratando-se de um documento que se debruça sobre as tarefas defensivas, faz sentido conhecer e compreender algumas perspectivas sobre a

organização do processo defensivo. É nesse sentido que se desenvolvem os capítulos seguintes.

2.3. Organização do processo defensivo

O processo defensivo representa uma fase fundamental do jogo e exprime a oposição a uma equipa (Teodoresco, 1984). Esta fase representa a marcação do defesa ao atacante adversário para neutralizar todas as suas acções ofensivas em qualquer momento do jogo (Castelo, 1996) e é representativa de todos os comportamentos técnico-tácticos individuais e colectivos que visam a anulação e cobertura dos adversários e dos espaços livres. É nesta etapa que uma equipa tenta conquistar a posse de bola com o intuito de realizar as acções ofensivas, sem cometer infracções e impedindo que o adversário obtenha golo (Teodorescu, 1984).

A organização do processo defensivo está intimamente relacionado com a forma como o treinador interpreta a fase defensiva no seu modelo de jogo. Tal como o modelo de jogo, também a organização defensiva varia de treinador para treinador. Existem assim, perspectivas que importam conhecer a fim de uma melhor compreensão da organização defensiva e é nesse sentido que se desenvolve este tema.

Castelo (1996) divide o processo defensivo em três fases (Castelo, 1996):

(i) Equilíbrio defensivo – pode ser concretizado, ainda que durante o processo ofensivo da própria equipa, por medidas preventivas ou imediatamente após a perda da bola pela rápida reacção de todos os jogadores. O tempo ganho na acção de pressão poderá será utilizado para a reorganização da defesa;

(ii) Recuperação defensiva – inicia-se após a impossibilidade de recuperar imediatamente a posse de bola e dura até à ocupação do dispositivo defensivo previamente preconizado pela equipa, ou seja, do seu sistema defensivo de entreajudas organizada;

(iii) Defesa propriamente dita – ocorre a ocupação, por parte de todos os jogadores, do dispositivo defensivo previamente preconizado pela equipa.

É aceitável que cada treinador possua um Modelo de Jogo para o qual trabalha e desenvolve exercícios de treino. As diversas fases da organização defensiva podem receber, por parte destes, importâncias diferentes face às suas interpretações de como a equipa deverá exercer as acções quando não está na posse da bola.

Posto isto, importa compreender o conceito de marcação e a interpretação deste pelos treinadores já que, é a partir desta, que os tipos de organização defensiva são estabelecidos. Estas questões serão oportunamente abordadas.

2.4. Definição e evolução do conceito de marcação

A forma como uma equipa marca o adversário, como defende a própria baliza das investidas do mesmo, tem muitas variantes. Como se verificou no capítulo anterior, o modelo de jogo adaptado terá forte influência na definição da forma de marcação.

A forma como a defesa é organizada depende em grande parte da percepção do conceito de marcação pelo treinador que, tal como a organização defensiva, pode ter distintas interpretações. Para optimizar a compreensão, é relevante conhecer a definição do conceito de marcação.

Consultando o dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001) constata-se que o termo “marcar” se sobrepõe a “acompanhar muito de perto, passo a passo, a deslocação de um jogador adversário no campo, impedindo ou condicionando as suas jogadas”. Este conceito defende a ideia do jogador adversário como referência/alvo da marcação.

López Ramos (1995), define marcação como a acção táctica com que os jogadores da equipa não possuidora da bola fazem frente aos adversários, sendo o intuito prioritário, o de evitar que estes entrem em contacto com a mesma ou, que o façam, nas piores condições possíveis. Para uma perfeita

assimilação do conceito "marcação", o autor refere ainda algumas características importantes que se aproximam às da definição de Pacheco (2001):

(i) Realiza-se sobre os adversários sem bola, sendo as acções sobre o portador da bola de outra natureza;

(ii) O jogador que marca deve colocar-se entre o seu adversário e a baliza que defende;

(iii) Deverá aumentar de intensidade quanto mais próximo da baliza o adversário estiver.

As definições referidas incluem os jogadores oponentes como referências alvo de marcação, isto é, a atenção do marcador está dirigida para o adversário directo. Deste entendimento, derivam frases comuns e gírias linguísticas típicas do Futebol como "acompanha o teu homem", "jogo de pares" ou "encosta nele". Embora se compreenda esta perspectiva com fundamento e validade, ela permanece, contudo, bastante limitada. Uma vez estando na base da acção defensiva, não integra a organização de toda a equipa.

Queiroz (1983) e Castelo (1986) introduzem a noção de espaço livre como nova referência-alvo da marcação. Para os autores, esta reporta-se às acções técnico-tácticas individuais de natureza defensiva, desenvolvidas no absoluto respeito pelos princípios defensivos e que visam a anulação dos espaços livres. Castelo (1986), mencionando que é em função da bola, dos adversários, da baliza e dos companheiros que esses comportamentos se deveriam manifestar, atribui uma acentuada dimensão colectiva ao sucesso da marcação (Queiroz, 1983; López Ramos, 1995).

Assiste-se então, a uma mudança da referência/alvo de marcação. Para completar as definições de marcação que aludiam a um adversário directo, surgem conceitos de marcação, tais como, concepção colectiva, numa tentativa de defender a redução ou fecho de espaços em função da posição da bola e de incluir um esforço globalizado da equipa ao invés de um esforço singular levado a cabo por um jogador.

Como poderemos ver, no capítulo da Evolução e Entendimento do Conceito de Defesa à Zona, esta evolução é um marco significativo que

acarretará alguma controvérsia relativamente ao entendimento e aplicação desta forma de organização defensiva.

2.5. Tipos de Organização Defensiva

Aqueles que assistem com regularidade a alguns jogos de Futebol verificam que a organização defensiva das equipas é deveras diversa. Cada treinador direcciona o treino para o desenvolvimento de uma determinada organização defensiva que entende como a mais eficaz para a sua equipa.

Castelo (1996) refere que a equipa pode organizar-se defensivamente segundo quatro métodos de jogo. Define-os como defesa individual, a defesa à zona, a defesa mista e a zona pressionante. Sobre estas, o autor acrescenta vantagens e desvantagens:

(i) Defesa individual – reduz a capacidade de iniciativa ao jogador alvo da marcação induzindo-lhe um desgaste muito intenso (físico, técnico-táctico e psicológico); prevalece o 1x1 com elevada responsabilidade individual, onde o sistema defensivo fica comprometido quando um defesa é ultrapassado; possibilita demasiados movimentos caóticos que impossibilitam uma organização rápida do ataque após a recuperação da posse de bola;

(ii) Defesa mista – mescla entre a defesa individual e à zona; cada jogador é responsável por determinada zona do terreno de jogo intervindo sobre o possuidor da bola quando nessa zona (defesa individual), colocando-se os demais companheiros em função da acção deste companheiro;

(iii) Defesa à zona – baseia-se em acções técnico-tácticas colectivas e permanentes de ajuda, nas quais, as falhas de um jogador podem ser corrigidas por outro(s) com menor desgaste físico dos defesas embora permita um maior poder de iniciativa ao adversário;

(iv) *Zona pressing* – respeita os princípios da defesa à zona; os defesas marcam de forma intensa o adversário para recuperar rapidamente a

bola impossibilitando qualquer iniciativa de ataque por parte dos elementos oponentes (Rinus Michels, 1982, cit. Romero, 2004).

Os diferentes métodos de jogo defensivos são analisados por Garganta (1997) consoante a colocação dos jogadores no terreno de jogo relativamente à bola e aos defesas e ainda na forma activa/passiva com que se empenham na busca da posse de bola. Ou seja, o Tipo de Organização Defensiva (TOD) caracteriza-se com base no tipo de oposição (activa ou passiva) e ainda segundo a colocação pelo espaço do terreno de jogo, relativamente à linha da bola, dos jogadores defensivos. O TOD representa "a forma como os jogadores de uma equipa em oposição ao ataque, desenvolvem o processo defensivo, desde que perderam a posse de bola até ao momento da sua reaquisição" (incluindo disposição espacial e de acção).

Garganta (1997) indica e caracteriza os tipos de organização defensiva:

(i) Zona Activa – consiste na oposição activa com procura da bola no ½ campo defensivo, marcação pressionante sobre o portador da bola, com defesa equilibrada e elevada percentagem (80%) dos jogadores colocados atrás da linha da bola;

(ii) Zona Passiva – acontece ainda no ½ campo defensivo, onde a defesa se encontra equilibrada e recuada no terreno de jogo, com elevada percentagem (80%) de jogadores atrás da linha da bola sem procura activa da bola;

(iii) Contenção avançada – caracterizada por uma contenção passiva e avançada no meio campo adversário, sem procura activa da bola mas com marcação directa (não pressionante) ao portador da bola;

(iv) *Pressing* – implica a "procura rápida e activa da posse de bola, em todo o terreno de jogo, criando superioridade numérica junto ao portador da bola".

Podemos verificar que não existe equiparidade entre dois autores no que toca aos tipos de organização defensivas referidos e à definição de cada um deles.

Este documento tem, na defesa à zona e mais especificamente, na *zona pressing*, o seu objectivo de estudo. Assim sendo, nesta fase da revisão da

literatura, é fundamental compreender o que distingue e o que aproxima, no fundo, o que define, estas formas de organização defensiva. O que se pretende então, é perceber como surge e se desenvolve a defesa à zona e sua evolução z*ona pressing*, de acordo com vários autores e em momentos diferentes.

2.5.1. Entendimento e evolução do conceito de defesa à zona.

Quando nos reportamos à defesa à zona não devemos compreender este conceito como algo recente. Como refere Valdano (2002), ao longo da história do Futebol, as escolas Futebolísticas Húngara, Sul-americana e a Britânica, há décadas que assim se organizavam defensivamente.

Ao investigar as definições de defesa à zona surge, na década de 70, Garel (1974 cit. Por Accame, 1995) que a descreve como o situar e o manter um bloco defensivo entre a bola e a baliza. Para o autor, cada jogador é responsável por uma zona onde intervém a partir do momento em que a bola aí entra, sem preocupações com as posições dos adversários. O mesmo autor acrescentou ainda algumas características:

(i) Presença escalonada de várias linhas estratificadas que permitem a existência de coberturas;
(ii) Jogadores posicionam-se em função da bola e da sua baliza;
(iii) A estrutura formada pelos jogadores modifica-se em função da bola;
(iv) Quando uma linha é eliminada, opõe-se uma nova linha à progressão da bola para a sua reconquista.

Esta perspectiva bastante frequente é redutora já que não parece adequado que um jogador intervenha somente quando a bola entra na sua zona de acção. Contudo, ao referir-se a aspectos como a dinâmica e capacidade adaptativa dos jogadores face às diferentes posições que a bola vai assumindo e a existência de coberturas entre diferentes linhas escalonadas, aponta para um entendimento mais correcto de uma defesa à zona (Amieiro, 2004).

Herbin (1977, cit. Accame, 1995) caracteriza a “defesa por zona” numa mecânica em que:

(i) Os jogadores posicionam-se no terreno em função da bola e da própria baliza;

(ii) Cada jogador é responsável por uma zona do terreno;

(iii) Cada jogador deve controlar a sua zona e marcar o adversário que nela entre, tentando conquistar a bola.

Esta perspectiva opõe-se à de Garel (1974). Marcar um jogador que entre na sua zona, indicia uma marcação ao adversário directo o que se afigura como perder a referência da bola. Consequentemente, compromete-se o escalonamento das linhas, das coberturas e prejudica-se a coesão do bloco defensivo.

Seno e Bourrel (1989), avançaram com a definição de alguns princípios do que denominaram de "defesa de zona":

(i) Atenção dos defesas orienta-se para a bola e não somente nos adversários;

(ii) Consideram-se "zonas perigosas" onde defesas "agem" e "zonas não perigosas" onde "vigiam";

(iii) Toda a equipa como bloco, "defendendo à zona", mantém-se curta entre a bola e a baliza;

(iv) Quanto mais próximo da baliza, menor deve ser o espaço consentido ao adversário nas zonas perigosas;

(v) Defesas adaptam-se face aos adversários que se movimentam;

(vi) O conceito de "diagonal" deve ser percebido quer por parte dos jogadores próximos (pequena diagonal) como dos distantes da bola (grande diagonal), em função da "cobertura" e da "antecipação".

Este autor introduz conceitos importantes. A diferenciação entre zonas perigosas (activas) e não perigosas (passivas) justifica-se face à orientação da atenção dos defesas em relação à bola, conferindo maior relevância para a zona onde esta se encontra, local onde desempenham um papel mais activo (Amieiro, 2004). Faz então sentido que, cada jogador não se preocupe unicamente com a sua zona delimitada do espaço de jogo mas com a coordenação com os demais companheiros, desenvolvendo uma ocupação dos espaços importantes que são a referência de marcação.

Nos anos 90, Bauer (1994), define a “defesa zonal” segundo as seguintes características:

(i) Responsabilidade de cada jogador por um determinado espaço;
(ii) Após a perda da posse de bola, o jogador deve recuar e ocupar a sua zona defensiva do terreno de jogo;
(iii) Marcação a qualquer jogador que entre na sua zona, estando ou não na posse da bola;
(iv) Responsabilidade sobre um defesa que se desloca para outra zona é transmitida para o defesa dessa zona;
(v) Todos os defesas devem deslocar-se na direcção da bola;
(vi) Dever-se-á atacar o portador da bola com dois ou mais defesas.

Esta caracterização de “defesa zonal” traduz um recuo dos jogadores para a sua posição de base e induz-nos a colocação dos defesas na posição do seu esquema táctico. Embora não possamos concordar com este recuar dos defesas, o autor indica a pressão ao portador da bola. Este facto é importante, já que, se assim se entender, pode-se pressionar o portador da bola imediatamente na sua zona defensiva, limitando o tempo e o espaço desde a primeira fase da organização ofensiva adversária.

Castelo (1996) refere igualmente algumas particularidades do que denomina de “método à zona”:

(i) É a lei do todos contra um;
(ii) Cada jogador se responsabiliza pela sua zona do campo, claramente delimitada e na qual intervém se nela entrar a bola ou um adversário sem bola;
(iii) Deve-se formar linhas defensivas que obriguem o adversário a contornar a primeira de modo que a segunda assegure sempre a cobertura defensiva da primeira;
(iv) Baseia-se em acções técnico-tácticas colectivas de entreajuda permanentes.

Pela análise da sua definição ficamos com dúvidas. Dela inferimos que a responsabilidade do defesa é determinada em função da zona que ocupa e está delimitada e não do adversário. Revela-se pertinente a interrogação de Amieiro

(2004), sobre como pode o defesa cumprir com esta acção de entreajuda permanente numa coordenação colectiva em que as linhas devem possibilitar a cobertura? Ele realça que quanto mais dependente do comportamento dos adversários estiverem os dos defesas, mais difícil será o entendimento colectivo da defesa à zona (Amieiro, 2004).

Marziali e Mora (1997) ao se referirem sobre o seu "jogo à zona" fazem uma analogia simples mas facilmente compreendida. Cada jogador, ao cobrir um determinado oponente numa marcação à zona, em antecipação e em função da posição da bola, contribui para a sensação que o portador da bola joga em inferioridade numérica constante. Estes autores expõem algumas características de seu "jogo à zona":

(i) Marcando em antecipação, os jogadores devem adoptar uma posição que lhes permita interceptar a bola ou colocar-se entre o adversário e a baliza caso a bola lhe seja dirigida;

(ii) Marcando em antecipação, o jogador poderá não só antecipar-se ao oponente que entre na sua zona de responsabilidade, como estará preparado para marcar homem-a-homem o portador da bola e em pressão;

(iii) A noção de "lado forte", onde se encontra o portador da bola, e de "lado fraco", contrário ao da posição da bola. Estas são fundamentais uma vez que definem o nível de proximidade para a marcação por antecipação, ou seja, quanto mais próximo da bola mais apertada será a marcação e, do lado oposto ao da bola, a marcação é feita por cobertura dos espaços;

(iv) A equipa deverá estar "curta" e "estreita" no sentido de proporcionar superioridade numérica na zona da bola. Para tal é fundamental o entendimento correcto das noções de lado forte e fraco.

Estas características defendidas por estes autores aproximam-se das que caracterizam uma defesa à zona conceptualmente correcta. Denota-se neste autor uma relevância à marcação por antecipação contudo, é ao encurtar em profundidade e estreitar em largura o espaço de jogo ao adversário que se deve dar realce (Amieiro, 2004). Este aspecto revela a tentativa de criar

superioridade numérica e de uma ocupação inteligente dos espaços (Amieiro, 2004).

Caneda Pérez (1999) defende que a atenção do jogador não se deve centrar na zona que lhe cabe cobrir, mas no desenvolvimento do jogo. Para uma "defesa à zona" o autor refere algumas características:

(i) São três as referências fundamentais que orientam a atenção dos defesas: a posição da bola, dos companheiros e dos adversários;

(ii) O objectivo fundamental passa por criar uma situação defensiva óptima fundamentalmente contra o portador da bola, com marcação directa sobre este e controlando os recebedores por antecipação. As marcações serão mais intensas conforme o jogo se aproxima da baliza defendida, até se converterem em marcações situacionais ao homem.

Pacheco (2001) refere-se à defesa à zona como uma marcação individual zonal na qual cada defensor, responsável por uma determinada zona do campo, defende o adversário que aí surge. Trata-se se uma perspectiva desactualizada e limitada, já que vê o jogador que entra em determinado espaço como referência da defesa à zona e não considera que, para reduzir os espaços, deve ter como referência a posição da bola, dos companheiros e dos adversários.

Goikoetxea Olaskoaga (2001) não interpreta a marcação à zona como o marcar um espaço do terreno de jogo. O autor refere que a defesa à zona tem os jogadores como referência, levando em consideração o espaço, no entanto, refere ainda que se devem marcar os adversários que entrem nessa zona durante toda a jogada. Esta definição algo confusa inclina-nos para uma similaridade com outras definições igualmente limitadas.

Existem autores, que serão abordados a partir deste ponto, que não se enquadram nas perspectivas da defesa à zona como as de Pacheco (2001), Herbin (1977, cit. Accame, 1995) e Castelo (1996), cujo entendimento prático nos direccionam mais para uma defesa individual do que zonal propriamente dita.

Garcia Pérez (2002) não perspectiva a defesa à zona com defesa individual directa mas com marcação de zonas específicas, isto é, com

ocupação de diferentes espaços por parte dos defesas. O autor refere algumas características do que denomina de trabalho zonal:

(i) Ocupam-se zonas próximas ou relacionadas com a posição da bola;
(ii) Jogadores orientam a sua movimentação pela posição da bola;
(iii) Deve-se reduzir os espaços junto ao portador da bola para induzir que este passe a um companheiro, com a intenção de se antecipar com o apoio dos companheiros da linha e bloquear as linhas de passe próximas;
(iv) Defesas movimentam-se em função da bola;
(v) Toda a equipa se movimenta como um bloco para a zona da onde a bola esta a ser jogada.

Bangsbo e Pietersen (2002) abordam a defesa em zona de duas formas distintas. Defendem a existência de uma cobertura em zona com marcação ao homem (perspectiva que não se demarca da marcação homem a homem) e uma cobertura em zona com marcação zonal, cujas características são:

(i) Inexistência de espaços que possam ser aproveitados pelo adversário na zona próxima à da bola;
(ii) Objectivo de diminuir o terreno de jogo e combater a posse de bola do adversário;
(iii) Pressão sob o portador da bola e deslocamentos dos membros da equipa na direcção desta;
(iv) Manter uma distância constante entre os membros da equipa que defende.

Esta segunda perspectiva (cobertura em zona com marcação zonal) revela-se mais adequada uma vez que os jogadores em tarefa defensiva não se alheiam do jogo como um todo. Se realizado adequadamente, facto que requer uma comunicação e visão de jogo considerável por parte dos jogadores, estes permanecerão como que ligados ao centro de jogo (zona de posicionamento da bola) por uma cinta elástica, que conserva o equilíbrio da organização defensiva (Amieiro, 2004).

Moreno Serrano (2003) aborda o tema referindo alguns aspectos que na sua opinião caracterizam a forma de se defender “à zona”:

(i) A bola é a referência sendo nesta que o jogador se deverá concentrar;

(ii) O defesa tem como referência o espaço e não o adversário;

(iii) O defesa, quando não actua de uma forma directa sobre a bola, deve adoptar uma posição que lhe permita defender o espaço com a equipa, através de coberturas, basculações e permutas/trocas defensivas.

Desta forma, após esta breve revisão das perspectivas sobre a defesa á zona de vários autores, são sintetizadas as características que para nós configuram esta forma de organização defensiva:

(i) É uma organização complexa já que como padrão defensivo colectivo, revela-se dinâmico, compacto, adaptativo, solidário e homogéneo;

(ii) Os espaços são a referência fundamental de marcação;

(iii) A equipa deverá funcionar como um todo, condicionando o adversário, na tentativa de fechar os espaços considerados mais valiosos;

(iv) A posição da bola e, em função desta, a movimentação e o posicionamento dos companheiros, são os referenciais da organização defensiva;

(v) O jogador, coordenado com a equipa, deve fechar diferentes espaços em função da posição da bola;

(vi) É essencial a existência permanente de um sistema de coberturas sucessivas suportado pelo escalonamento de diferentes linhas;

(vii) É relevante condicionar o tempo e o espaço ao portador da bola pressionando-o e concomitantemente diminuindo o tempo que possui para “pensar” a organização do jogo ofensivo;

(viii) O controlo dos adversários sem bola através de uma ocupação inteligente dos espaços, tem de ser exercido;

(ix) A marcação individual ao adversário sem bola acontece circunstancialmente e como consequência da ocupação racional do espaço.

Podemos verificar que o entendimento de defesa à zona foi variando e evoluindo ao longo dos anos. De uma zona com critérios de orientação voltados para zonas do terreno do jogo, progressivamente, esta foi evoluindo para uma

marcação que se orienta em função da bola, dos elementos da própria equipa e da equipa adversária.

Através de uma interpretação cuidada observa-se uma relação entre a defesa à zona (com as características que actualmente lhe são atribuídas) e a teoria dos sistemas dinâmicos auto-regulados. Constatamos que esta forma de organização defensiva, pelas suas características não estáticas e adaptativas num contexto aberto e complexo, concorrem com as características de base da teoria dos sistemas dinâmicos auto-regulados.

Sendo o conceito de zona inalterável, foram o ritmo, a localização e a sua intenção que se modificaram ao longo do tempo. A zona passiva, de recuo e espera, foi dando lugar à zona agressiva (Valdano, 2002), de acções activas na tentativa de impedir a construção do jogo adversário (Caneda Pérez, 1999).

Com a evolução para um sistema defensivo à zona mais agressivo, em *pressing*, este TOD pode ser considerado, segundo um ponto de vista de sistema dinâmico, como o elemento perturbador. No sentido prático, a *Zona pressing* (como sistema dinâmico auto-organizado) pode ser considerada a variável (a alteração de um elemento do contexto) comprometedora da organização equilibrada do ataque adversário (este também um sistema dinâmico auto-organizado) no sentido de proporcionar uma maior frequência de finalizações.

É sobre esta forma agressiva de procura intensa da posse de bola que o ponto seguinte se debruça, no âmbito de uma melhor compreensão da defesa *zona pressing*.

2.5.2. Defesa *Zona pressing*

Rinus Michels é considerado por vários autores e treinadores como o mentor da organização defensiva em *pressing* alto que, contudo, não era executada zonalmente. Foi no entanto este treinador que transpôs o *pressing* do meio campo defensivo para meio campo ofensivo.

Uma vez perdida a posse da bola, cada jogador aproximava-se de imediato do adversário posicionalmente mais próximo, ou seja, realizava-se

uma pressão por parte de todos os jogadores da equipa sobre os adversários, com base numa rotatividade do posicionamento dos jogadores das várias linhas. Deste modo, a qualquer jogador a quem o portador da bola dirigisse um passe, a intercepção tornava-se possível e assim a equipa podia reiniciar as acções ofensivas.

Sendo o conceito de zona inalterável, foram o ritmo, a localização e a sua intenção que se modificaram ao longo do tempo. A zona passiva, de recuo e espera, foi dando lugar à zona agressiva (Valdano, 2002), de acções activas na tentativa de impedir a construção do jogo adversário (Caneda Pérez, 1999). Para estes dois autores a diferença reside na defesa adiantada e na pressão que se exerce sobre o adversário, isto é, na agressividade da procura da bola, na incitação ao erro do adversário para conquista desta.

Bonizzoni (1988), Wanceulen Moreno (1995) e Marziali e Mora (1997) referem-se ao *pressing* como uma acção defensiva e colectiva de opressão em que os jogadores da equipa que a realizam oportunam, sem cessar, os jogadores adversários, em particular o portador da bola. Limitam-lhe o espaço de acção e o tempo de reacção, impedem-no de actuar com tranquilidade e tentam recuperar a posse de bola ou, caso não seja possível, evitar a progressão da equipa adversária. Para esta acção defensiva é imprescindível a realização de um bloco homogéneo e compacto, com manutenção de distâncias reduzidas entre as linhas que compõem o conjunto e o deslocamento de todos os jogadores para a zona da bola, dificultando todas as possibilidades de passe (Wanceulen Moreno, 1995).

Para Garganta (1997) o *pressing* implica uma oposição activa, a procura activa e rápida da posse de bola em todo o terreno de jogo, criando superioridade numérica na zona junto do portador da bola.

Considerado um dos mestres do *pressing*, Luís Aragonês (1997, cit. Yagüe Cabezón, 2001) vê o adversário sem bola como secundário já que, se pressionando que a tem, os companheiros desse ficarão em fora de jogo, sem acção possível.

Da escola italiana, Trapattoni (1999), fala da pressão como uma acção de grupo na qual todos os jogadores actuam em simultâneo, estando ou não

próximos da bola, expressando a ideia de organização. Este treinador reitera que a pressão deve ser realizada por um determinado número de jogadores sobre o portador da bola em conjunto com a ocupação dos espaços próximos.

Percebe-se então algumas características de defesa em *pressing* e constata-se que, alguns autores, referem características que associam este método defensivo com a defesa à zona.

Pereni e Di Cesare (1998), fazendo referência à pressão associada à defesa à zona, expõem que esta associação facilita o *pressing*. Esta opinião é partilhada por Yagüe Cabezón (2001).

Visto como uma dos treinadores referência na interpretação da organização defensiva em *zona pressing* nas suas equipas, Mourinho (1999), faz alusão à importância de se defender no terço ofensivo em pressão sobre o adversário. Este treinador refere que os jogadores preferem defender pressionando na primeira fase da construção do adversário, pressionando alto em 10 ou 15 metros, do que juntarem as linhas atrás do meio campo e fazerem investidas de 30 a 40 metros para a frente e para trás, em situação defensiva e ofensiva. Vai mais longe, ainda, referindo inclusive tarefas/princípios a respeitar pela sua equipa. Assim, em transição ataque-defesa, o primeiro princípio passa pela pressão que os três jogadores mais próximos da bola devem exercer imediatamente. Dessa forma, reduz-se o espaço e pressiona-se o portador da bola, permitindo que a equipa se reagrupe, com linhas próximas e, se possível, com a linha defensiva no meio campo adversário.

No sentido da pressão adiantada no terreno, Mombaerts (2000) refere que a importância da recuperação da posse de bola em zonas avançadas do campo, se trata da evolução mais importante que marcou o jogo. O autor defende a pressão sobre o portador da bola, em simultâneo com as coberturas mútuas, são as chaves desta defesa activa.

Pidelaserra (2001) refere que não é possível realizar-se o *pressing* sem redução de espaços e superioridade numérica uma vez que, caso estas componentes não sejam tidas em conta na sua realização, a equipa se tornará vulnerável devido aos desequilíbrios provocados.

Numa perspectiva mais actual, Queiroz (2003), defende que o planeamento actual da organização defensiva não está na colocação de determinados jogadores em cada linha. Para Queiroz, mais importante que isso é reaver a posse da bola o mais avançado possível, tentando a sua recuperação imediatamente após a sua perda. Mais do que defender, importa é ter a posse de bola o mais rápido possível. Para tal, e como refere Cruyff (2002), é sobre o portador da bola que se deve exercer a pressão e nunca sobre o jogador em si.

López López (2003) destaca que a pressão, que trata de aproveitar o domínio e a redução dos espaços para pressionar o portador da bola e os atacantes que o apoiam, e a defesa à zona, pela qual se domina os espaços mais adequados em função da posição da bola, são dois aspectos que devem estar intimamente relacionados em qualquer organização defensiva.

Barreto (2003) refere-se à zona pressionante alta como o trabalho de toda a equipa no seu meio campo ofensivo em busca de um objectivo comum que assenta na recuperação da posse de bola.

O *pressing* alto de Mourinho (2003b) é realizado zonalmente no meio campo adversário para recuperar a bola o mais rapidamente possível. Esta organização defensiva implica, como em qualquer defesa à zona, um bom posicionamento táctico e iniciativa, de modo a serem criadas dificuldades ao adversário. Esta organização permite defender mais longe da baliza, recuperar a bola em zonas de ataque mais favoráveis próximas à baliza adversária, facilitando a finalização. Ou seja, como este autor refere na obra de Luís Lourenço (2003), a pressão é feita o mais alto possível (próximo à área adversária), com linhas muito próximas (a defensiva próxima do meio campo para que os avançados possam pressionar a defesa adversária). Assim, se por um lado os avançados jogam onde são realmente perigosos e os lances de finalização são mais frequentes por outro, implica que os defesas possuam a capacidade de jogar com 40m de terreno livre nas suas costas. A importância do *pressing* alto surge ao nível da transição ataque-defesa, como primeiro momento no qual os jogadores procurar dificultar, atrasar ou anular a

construção do jogo adversário e criar rapidamente possibilidades de marcar (Mourinho, 2003b).

Romero (2004) refere-se à defesa *zona pressing* como a acção de marcação colectiva de toda a equipa em torno do portador da bola, marcada pelo aumento da intensidade defensiva, pela redução do tempo e do espaço ao adversário, objectivando a rápida recuperação da posse de bola (tal como defenderam Bonizzoni, Wanceulen Moreno e Marziali e Mora). Estas opiniões vão também de encontro à defendida por Frade (2004) para quem a pressão se faz no sentido de a equipa adversária perder linhas de passes, o que se consegue pela redução dos espaços.

Amieiro (2004) associa os dois tipo de organização defensiva (à zona e em *zona pressing*) ao verificar semelhanças importantes entre ambos. A grande preocupação é fechar colectivamente os espaços de jogo que se considerem mais valiosos tendo, na agressividade com que se atacam esses espaços e o portador da bola, a grande diferença. O que se pretende então, é colocar o adversário em posse de bola sobre grande constrangimento espaço-temporal aumentando a probabilidade deste cometer erros e dessa forma acelerar a recuperação da posse de bola (Amieiro, 2004), isto é, recuperar a bola para poder atacar.

Parece que, segundo a opinião de alguns autores, a defesa *pressing* com organização à zona, favorece a recuperação da bola.

2.5.2.1 O *pressing* para conquistar a posse de bola

Valdano (2001) cita Sacchi, enquanto treinador do AC Milan, como uma referência, ao treinar uma equipa cujos jogadores exerciam uma defesa à zona em pressão constante que denominava de zona agressiva. Este conceito (zona agressiva) foi erradamente incorporado e adulterado em muitas equipas que, por se preocuparem somente em sufocar o adversário, se sentem mais vocacionadas para jogar quando a bola não está na sua posse. Para Sacchi, o *pressing* não devia ser visto como um fim porque o afastava do objectivo do

jogo (marcar golos) mas como um meio para o atingir, através da recuperação da posse de bola.

Acerca do trabalho desenvolvido por toda a equipa na organização do *pressing* alto e do esforço pela recuperação da posse de bola, Cruyff (2002), acrescenta que, um dos primeiros mandamentos do Futebol deveria fundamentar que a pressão se realiza sobre a bola e não sobre o jogador.

O *pressing* não pode, então, ser analisado como a finalidade, como o objectivo final por si só. Esta organização defensiva deve ser encarada como um meio para atingir um fim, como um conjunto de estratégias para recuperar a posse de bola, e aí sim, procurar finalizar a jogada (Barreto, 2003).

2.5.2.2. Defesa *Zona pressing* e relação dos factores: número, espaço e tempo.

Fazendo alusão ao objectivo da defesa à zona, e como refere Frade (2002), a equipa tem de escurecer e reduzir os espaços de jogo ao adversário, aproximando os sectores e criando superioridade numérica junto à bola. Contudo, na impossibilidade de uma preponderância absoluta, devemos desenvolver o jogo na tentativa de assegurar uma preponderância relativa nas situações decisivas (Castelo, 1994) através de uma organização sistemática dos jogadores. Esta preponderância relativa, que ocorre quando a equipa consegue criar de superioridade numérica no centro do jogo ou nas zonas para onde a bola é enviada, relaciona-se com a resolução das várias situações momentâneas do jogo (Castelo, 1994).

O número de jogadores em cada acção é um elemento (não único) e “devemos ter em conta ainda os elementos espaço e tempo” (Queiroz, 2003) que são fundamentais em todas as fases do jogo. Na fase ofensiva, a equipa intenta criar e explorar espaços livres enquanto que, na defensiva, o objectivo passa pelo restringir e vigiar os espaços vitais de jogo (Castelo, 1994).

O problema do espaço e do tempo surge como fundamental na resolução da variabilidade das situações técnico-tácticas do jogo que se caracteriza como modalidade aberta, de prática variada e imprevisível.

O Futebol é uma modalidade que desenvolve num terreno de jogo de grande dimensão, ocupá-lo na sua totalidade, revela-se como uma tarefa impossível. Deste modo, aceita-se que na tentativa de tornar o campo grande (ataque) ou pequeno (defesa), a eficiência das acções individuais e colectivas da equipa dependa, em grande medida, da correcta selecção dos espaços em função da variabilidade das situações do jogo (Castelo, 1994). Como defende Garganta (1997), as noções de espaço e tempo estão estreitamente relacionadas, já que, restringir o espaço disponível para jogar significa diminuir o tempo para agir. Este facto traduz uma luta incessante pelo espaço e pelo tempo, cujo domínio, depende da capacidade da equipa conseguir obter uma superioridade numérica (relativa) na zona próxima à bola. Portanto, a superioridade numérica na zona da bola poderá ser interpretada como um factor fundamental para desencadear a perturbação do sistema e da organização ofensiva adversária.

Assim, a recuperação da posse de bola depende de duas condições:

(i) Da rapidez com que se encontra a solução para o problema e da sua adequação à situação em causa (Mahlo, 1966, cit. Castelo, 1994);

(ii) Da "vantagem conseguida numa determinada situação que pode resultar de uma superioridade numérica, posicional, temporal ou da combinação e harmoniosa destes aspectos com a capacidade técnica individual do jogador" (Queiroz, 2003), factor que deve ser compreendido num contexto táctico que o jogo proporciona.

O espaço e o tempo são duas dimensões que convém permanecerem acopladas em benefício próprio numa organização defensiva em *zona pressing*. Constata-se, na luta pela vantagem relativa em ambas essas dimensões, que a velocidade de resposta do jogador (e da equipa) às situações do jogo, desempenha um papel fulcral.

A zona e a forma como e recupera a posse de bola são duas variáveis que deverão ser optimizadas quando se busca a baliza adversária. Oportunamente desenvolver-se-á melhor o papel destas condicionantes directas do ganho da posse de bola.

2.5.2.2.1. A velocidade mental: factor fundamental no Futebol.

Os jogadores de Futebol têm cada vez menos tempo para um exercer um correcto raciocínio táctico, sendo que é cada vez mais importante utilizar a capacidade de pensar e agir rapidamente (Tavares, 2003). A rápida exploração do espaço de jogo, a antecipação, a inteligência e o sentido táctico, no sentido de alcançar o objectivo do jogo, eram já enfatizados por Laurier (1989).

No contexto Futebolístico, a velocidade mental surge como a capacidade que o jogador tem de desenvolver para processar a informação que influi de forma mutável e contínua.

A lentidão de determinados jogadores é aparente, já que, estes tem potencialidade de desenvolver um raciocínio táctico rápido. Esta velocidade mental específica permite ao jogador pensar, prever e antecipar a solução dos conflitos do jogo. Deste modo, quando alguns jogadores apresentam prontamente uma acção resolutiva do problema que se lhes afigura enquanto que outros não são dotados de tal capacidade. Transparece facilmente que os primeiros possuem potencialidade e inteligência superiores (Valdano, 2002).

O movimento, que surge da ligação entre a conexão da informação e a acção enérgica (Go Tani, 2002), necessita da primeira no papel de controlador, para que a acção se traduza num trabalho efectivo e eficaz. Esta relação entre ambas tem sido negligenciada pela fisiologia do exercício. Aspectos como a velocidade mental e a concentração parecem ter relação com o índice de fadiga acumulado durante os exercícios, treinos e jogos.

Enquanto sistema criador, o cérebro não se limita a reagir às condições externas, pelo que, as imagens que cria permitem seleccionar os reportórios de acção e optimizar a acção escolhida (Damásio, 1995). Deste modo, é sensato considerar o processo de treino como fundamental, no sentido que desenvolve uma relação entre o hábito e a mente, ao nível do saber fazer (Carvalhal, 2001). Esta perspectiva o hábito é um automatismo que se adquire pela acção repetida de um comportamento que se desenvolve em resposta a determinado estímulo (Faria, 2002).

Estabelecido o Modelo de Jogo e orientando o processo de treino na sua direcção, esta selecção criteriosa de imagens e acções estará favorecida pois privilegia a antecipação de uma resposta. Compreende-se assim, que a familiarização com esse contexto representa, por si só, um factor de antecipação (Frade, 2000). Considera-se então que, com um trabalho correctamente direccionado para o MJA, o jogador consegue orientar-se e decidir de forma mais adequada e mais rápida o que favorece não só a tomada de decisão como a qualidade da mesma.

2.5.2.3. Importância da zona e forma de recuperação da posse de bola.

A recuperação da posse de bola resulta de um conjunto de acções técnico-tácticas defensivas que visam retirar a posse de bola ao adversário e pode acontecer através de:

(i) Intercepção, ao impedir que um passe faça chegar a bola de um adversário a outro (Castelo, 1996) que proporciona maior vantagem na eficácia ofensiva (Garganta, 1997);

(ii) Desarme, quando o defesa age directamente sobre o jogador e disputa a posse de bola em respeito pelas leis de jogo (Castelo, 1996);

(iii) Paragem do jogo (falta do adversário ou quando este é o ultimo a contactar com a bola antes desta ultrapassar as linhas limites do campo).

Tal como Garganta (1997) descreve, as equipas devem procurar recuperar a posse de bola de forma dinâmica no sentido de garantir a continuidade do jogo. Concomitantemente, com fluidez na transição, consegue-se criar desequilíbrios e surpreender o adversário na sua organização defensiva.

Alguns estudos, como os de Olsen (1988) e Hughes (1990), referem que a zona onde a recuperação da bola acontece pode influenciar a eficácia da própria equipa. Este aspecto ganha maior proporção quando nos referimos à zona recuperação da posse de bola como resultado da organização defensiva para a transição defesa-ataque.

A maior percentagem de recuperações da posse de bola verifica-se, fundamentalmente, no sector defensivo e no corredor central do terreno de jogo. Este facto pode-se explicar pelo diminuir da segurança e do assumir de maiores riscos conforme o jogo se afasta da nossa baliza e se aproxima da adversária e, ainda, pela tentativa de se transportar a bola para espaços centrais próximos da baliza adversária (Castelo, 1996).

Mourinho (2003), citado por Reis (2004), sublinha a importância da recuperação da posse de bola no terço ofensivo como forma de exponenciar o êxito no Futebol. Deste ponto de vista, uma organização defensiva em z*ona pressing* parece adequar-se com as características que um factor perturbador do equilíbrio deve possui, no sentido de criar oportunidades de finalização. Esta perspectiva coaduna-se com os objectivos fundamentais da organização defensiva em z*ona pressing* interpretada pelo autor, validando ainda o interesse deste estudo que tentará discernir sobre quais os tipos de organização defensiva que proporcionam uma maior frequência de finalização.

2.5.2.4. *Zona pressing*: componente física *vs* treino integrado

A ideia que este tipo de organização defensiva é demasiado exigente no prisma físico-energético, é comum. O que se pretende neste ponto é entender se este juízo é fundamentado ou não.

Na programação e periodização do treino devem-se interligar todas as componentes e dimensões (táctica, técnica, física e psicológica) de modo a se desenvolver o todo que representa o jogador, enquanto ser intelectual, emotivo, criativo, à medida da sua própria dimensão (Freitas, 2004).

No Futebol actual, a dinâmica da competição exige, mais do que nunca, jogadores inteligentes, rápidos e fortes, capazes de manter níveis de concentração elevados durante longos períodos de tempo (Freitas, 2004).

A interpretação errada do *pressing* preconizado por Sacchi, levada a cabo por treinadores que implementam esta forma de defender no seu modelo de jogo, conduz a um processo de treino que dá prioridade à vertente física. Isto

acontece porque estes acreditam que só dessa forma conseguirão passar da teoria à prática, numa obsessão pelo físico e em função do qual treinam. Se só se joga em função do *pressing* como o fim em si mesmo, então, os jogadores que correm tornam-se mais importantes do que aqueles que pensam (Valdano, 2001).

Esta forma de idealização do treino não é partilhada por Mourinho (2003a) já que para este, o treino deverá ser específico, adaptado ao modelo de jogo e não somente físico. A preocupação, segundo Faria (1999), é a integração de todos os factores de treino e a interacção entre todos os sectores e a complexidade. Neste contexto, o conceito de Periodização Táctica, traduz um entendimento do Futebol que procura dar resposta à complexidade do jogo, entendendo este fenómeno como um "todo" dentro da complexidade que este engloba. Ela assume-se como coordenadora de todo o processo de treino, tendo em vista a operacionalização do modelo de jogo e os seus princípios estruturadores (Faria, 1999).

Queiroz (2003) alega que, para se defender desta forma, são necessários bons jogadores, boas ideias e bom treino. Desta forma, o autor vai de encontro à opinião de Valdano (2002). No entanto, este último não dá prioridade à qualidade dos jogadores mas à necessidade de um trabalho paciente, duro e metódico, ajudando-os a reflectir e ensinando-lhes alguns aspectos fundamentais. Defende o autor que, dessa forma, é possível alcançar boas respostas e desenvolver uma zona pressing com um funcionamento equilibrado.

Face às diversas definições e características referidas acerca da *zona pressing,* justifica-se a apresentação de um quadro-resumo dos princípios que caracterizam este tipo de organização defensiva.

Quadro 1 – Princípios de caracterizam a defesa *zona pressing*

Princípios que caracterizam a defesa *zona pressing*	Autor
Diminuição dos espaços em amplitude e profundidade	Romero (2004)
Criação de superioridade numérica na zona da bola	
Criar situações constantes de superioridade numérica nos vários momentos do jogo	Castelo (1993)
Possibilita, à organização defensiva, jogar como um bloco homogéneo e compacto	
Permite coberturas permanentes dos comportamentos dos jogadores	
Acelerar a acção do portador da bola, obrigando-o a cometer erros	Castelo (1996)
Redução da capacidade de visão periférica e de jogo	
Redução do espaço de jogo da equipa adversária	
Permite defender longe da baliza e, desta forma, quando se ganha bola pode-se atacar numa zona mais ofensiva e de mais fácil finalização	Mourinho (2003)
Permite atacar com maior probabilidade de se atingir o golo por aproveitamento de uma menor estabilidade posicional por parte do adversário no momento da perda da bola	
Retira os níveis de confiança ao adversário	
Por se correr menos em termos de distância, permite manter uma intensidade de jogo alta durante quase todo o tempo de jogo	
Equipa organiza-se em função dela mesmo e não pelo adversário o que favorece a organização defensiva	

Este tipo de organização defensiva acarreta contudo, alguns aspectos menos favoráveis e que são referidos no quadro 2.

Quadro 2 – Factores negativos da Defesa *Zona pressing*

Factores negativos da Defesa *Zona pressing*	**Autor**
Exige elevados índices de concentração para reagir rapidamente ás alterações de mentalidade	Faria (2003)
A forte transição pode ser confundida com agressividade por parte da arbitragem	Mourinho (2003)
Se a pressão não recuperar a bola na primeira fase e, caso a equipa adversária consiga ultrapassar a primeira linha defensiva, esta pode explorar 40m de terreno livre atrás da linha defensiva	Mourinho (2003)
Equipa fica mais frágil nas mudanças de flanco	
Requer uma leitura constante das situações momentâneas do jogo e antecipar as acções adversárias	Castelo (2003)
Requer execução constante de acções de compensação e permuta podendo não haver o tempo necessário para o reequilíbrio eficaz da organização defensiva	
Requer um elevado espírito de equipa, trabalho árduo e uma elevada cooperação entre os jogadores	

Uma das consequências que se verifica a partir deste tipo de organização defensiva, reporta-se ao papel das transições, uma vez que a *zona pressing*

tem por objectivo encurtar o tempo da fase defensiva. Importa então compreender melhor as transições e as suas particularidades.

2.6. As transições no Futebol.

2.6.1. Contributo da defesa *zona pressing* para o sucesso destas fases do jogo.

Ao contrário do que acontece em diversas modalidades desportivas, nas quais se verifica uma elevada percentagem de finalizações durante jogo, as dimensões e colocação das balizas nas extremidades do terreno de jogo impossibilitam que o mesmo aconteça no Futebol.

Wrzos (1984) e Garganta (1997) verificaram um maior fluxo de transições do que de finalizações facto que, por si só, demonstra a importância destas fases no jogo de Futebol.

Embora muitas equipas saibam atacar e defender, somente algumas sabem realizar transições (Valdano, 2001) visto que, para o sucesso destas, todos os jogadores devem participar através de uma rápida e brusca mudança de atitude mental (Garganta e Pinto, 1998). Assim, depreende-se que, a equipa que mais rapidamente transite de atitude defensiva para ofensiva e vice-versa, obterá vantagem (Lillo, 2003; Valdano, 2001).

São as fases de transição que definem as grandes equipas (Vasquez, 2003) e é habitual verificar-se a desorientação do jogador. Para combater este facto e contribuir para a evolução, quer do jogador como da equipa, importa que os estes conheçam e saibam efectuar as melhores escolhas consoante as opções que o jogo lhe coloca.

Considerando a defesa *zona pressing* como a forma mais «agressiva» como uma equipa se empenha na recuperação da bola, consegue-se relacionar este TOD com as transições. Vendo a transição defesa-ataque numa perspectiva de aproveitamento do desequilibro adversário, faz sentido que numa defesa z*ona pressing*, porque se defende mais próximo à baliza adversária, a recuperação da bola proporcione uma finalização mais rápida do que se a equipa defendesse em zonas recuadas do campo.

Verifica-se, desta forma, que a velocidade de raciocínio situacional do jogador é uma influência imensurável na eficiência da transição.

2.6.2. Transição ataque-defesa

Na transição ataque-defesa a equipa deverá reajustar rapidamente as atitudes e comportamentos táctico-técnicos individuais e colectivos, tendo em vista os objectivos de defesa a sua baliza e de recuperação da posse de bola. O processo defensivo começa antes da perda da posse de bola, pela preparação mental da acção defensiva por parte dos jogadores que não intervêm directamente no processo ofensivo (Castelo, 1996).

Mourinho (2003) reitera a opinião de Castelo (1996) ao defender que, quando em posse de bola, a equipa deverá pensar defensivamente o jogo. O mesmo acontece quando no processo inverso, quando a equipa não estiver em posse desta, deverá pensar ofensivamente o jogo, preparando o momento em que tem a posse de bola.

Pode-se então considerar que os processos defensivos e ofensivos não se esgotam em si mesmo, uma vez que, em qualquer fase do jogo se deve preparar a fase seguinte. Neste sentido, as transições desempenham um papel fundamental e devem ser alvo da atenção dos treinadores.

A acção na transição para defesa deve orientar-se para o fecho dos espaços na vizinhança da bola e do jogador que a recuperou, atrasando a transição defesa-ataque do adversário e permitindo, dessa forma, uma melhor reorganização das posições defensivas (Garganta, 1997).

Esta acção, de concentração do jogo ofensivo adversário num espaço restrito do terreno de jogo e de diminuição do ângulo de passe, tem o propósito de tornar as acções do oponente mais previsíveis (Castelo, 1996). Neste sentido, imediatamente após a perda da posse de bola, os jogadores deverão exercer uma pressão elevada sobre o portador da bola, reduzindo o tempo para pensar e agir ao ataque adversário (Garganta, 1997) e tentando recuperar rapidamente a sua posse se possível ainda no terço atacante (Mourinho, 2003).

Importa ainda referir que cada jogador, atacante ou defesa, deve ter consciência de quais as suas funções e tarefas defensivas. Na expressão colectiva do processo ofensivo e defensivo, no qual todos os jogadores atacam e defendem (Castelo, 1996), os jogadores devem ter em consideração a especificidade posição que ocupam dentro do terreno de jogo.

2.6.3. Transição defesa-ataque

A transição defesa-ataque tem por objectivo primordial o aproveitar a desorganização posicional dos adversários e progredir em direcção à baliza, tentando criar, o mais imediato possível, situações de golo (Queiroz, 2003). Nesse sentido, é necessário que se aproveite os espaços vazios fundamentais do terreno de jogo, com movimentações que criem linhas de passe em profundidade e largura, não fornecendo o tempo necessário para que a organização defensiva oposta se restabeleça (Castelo, 1996).

Como refere Queiroz (2003), na transição para o ataque, é indispensável uma boa circulação da bola, bons passes, controlo do tempo e qualidade técnica dos jogadores, concedendo segurança e evitando interrupções deste processo. A segurança adquire maior significado pois no momento em que a disposição e a atitude mental dos jogadores se orienta para o ataque, um erro com perda da posse de bola, criará problemas defensivos caso a transição da mentalidade de atacante para defensiva não aconteça rapidamente (Irureta, 2003).

Barreto (2003) descreve que após a destruição (entenda-se defender) é necessário criar (entenda-se atacar). É nesta capacidade de coordenar e articular estes dois tempos distintos e diversos que reside a dificuldade da maior parte das equipas. Lourenço (2003) fazendo referência a Mourinho, sugere que este momento de mudança de mentalidade deve ser objecto de muito trabalho.

3. Material e Métodos

3.1 Objectivos e Hipóteses

O objectivo do presente estudo é comparar a frequência das finalizações das sequências ofensivas em função dos tipos de organização defensiva.

Mais especificamente pretende-se:

(i) Comparar o número de recuperações da bola, sem interrupção do jogo, em função do tipo de organização defensiva (TOD);

(ii) Comparar a quantidade de recuperações da bola por zona e em função do TOD;

(iii) Verificar qual o TOD que, após a recuperação da posse de bola, propicia o alcance de sectores mais avançados;

(iv) Comparar a frequência das finalizações precedidas de uma organização defensiva em z*ona pressing* com os demais TOD;

Dos objectivos formulados decorrem as seguintes hipóteses:

H1: As equipas, nas tarefas defensivas, cumprem com eficiência os princípios de jogo defensivos na zona onde a bola se encontra, recuperando a posse desta em superioridade numérica;

H2: A superioridade numérica de jogadores em tarefas defensivas, na zona onde está a bola, aumenta a frequência da conquista da posse desta;

H3: As equipas que se organizam defensivamente em z*ona pressing*, ao adquirir a posse de bola, alcançam com maior frequência o sector ofensivo do terreno de jogo, relativamente aos demais TODs;

H4: A z*ona pressing* permite maior frequência de recuperações de posse de bola sem paragem do jogo, relativamente aos demais TODs;

H5: A recuperação da bola como consequência de um TOD z*ona pressing* aumenta a frequência das finalizações.

3.2 Amostra

Fazem parte da amostra 578 sequências de recuperação de bola e evolução da jogada até a perda desta, retirados da análise dos 90 minutos de três jogos de equipas de topo.

Quadro 3 – Jogos que compõem a amostra deste estudo

N.º	Jogo	Resultado	Competição	Época
1	Milan x Juventus	0x0	Liga Campeões – Final	2002 / 03
2	PortoxCeltic	2x2	Taça UEFA – Final	2002 / 03
3	Porto x Mónaco	3x0	Liga Campeões – Final	2003 / 04

3.2.1. Recolha dos dados

A recolha de dados foi realizada *a posteriori* através da observação em vídeo. O registo dos dados, na tabela para esse efeito, foi levado a cabo em simultâneo com a observação das sequências.

3.3 Explicitação das variáveis

3.3.1. Resultado Parcial do Jogo (R Parc)

Em cada transição para o ataque, o observador considerou o resultado momentâneo do jogo. Foram considerados os 3 resultados possíveis do jogo: Vitoria (V), Empate © e Derrota (D).

3.3.2. Tipo de Organização Defensiva (TOD)

Entende-se por Tipo de Organização Defensiva (TOD) a forma como os jogadores de uma equipa, em oposição ao ataque, desenvolvem o processo

defensivo, desde que perdem a posse de bola até ao momento em que a recuperam (Garganta, 1997).

Para caracterizar esta variável, 2 referências foram consideradas:

(i) O Tipo de oposição, ou seja, a forma activa ou passiva como a equipa que defende se opõe à manutenção da posse de bola por parte do adversário;

(ii) A Colocação dos jogadores no terreno do jogo relativamente à linha da bola.

Assim, os seguintes TOD foram considerados e definidos.

3.3.2.1. Zona Activa (ZA)

(i) Oposição activa, procura da posse de bola no meio campo defensivo, marcação pressionante sobre o portador da bola;

(ii) Defesa equilibrada com elevada percentagem dos jogadores colocados atrás da linha da bola (igual ou superior a 80%).

3.3.2.2. Zona Passiva (ZP)

(i) Oposição passiva, no meio campo defensivo, defesa recuada no terreno, sem procura activa da bola;

(ii) Defesa equilibrada com elevada percentagem dos jogadores colocados atrás da linha da bola (igual ou superior a 80%).

3.3.2.3. Contenção Avançada (Cav)

(i) Oposição passiva, contenção no ½ campo defensivo, sem procura activa da posse de bola, marcação directa e não pressionante ao portador da bola;

(ii) Defesa equilibrada com elevada percentagem dos jogadores colocados atrás da linha da bola (igual ou superior a 80%).

3.3.2.4. *Zona pressing* (Zpress)

(i) A acção de *pressing* implica uma oposição activa, ou seja, procura activa e rápida da posse de bola, em todo o terreno de jogo, criando superioridade numérica na zona junto ao portador da bola (Garganta, 1997);

(ii) Linhas próximas, coberturas estabelecidas, equipa compacta e equilibrada;

Verificamos que, no decorrer dos jogos, de uma sequência ou somente de uma jogada, as equipas combinam vários tipos de TOD. Assim, estabelecemos que será considerada a TOD que, no momento de aquisição da bola, sejam preconizados pela equipa.

3.3.3. Número de jogadores da equipa em fase defensiva intervenientes na zona da bola (NJDZ).

Reporta-se ao número de jogadores que estão na zona da bola e cujas acções defensivas permitem readquirir a posse desta. É através desta variável que se verificará se a equipa que defende obtém uma superioridade numérica na zona da bola (SNJZ) ou se está em inferioridade (INJZ).

3.3.4. Zona de recuperação / aquisição da posse da bola (ZAB)

Para a caracterização desta variável, adoptamos a perspectiva de Garganta (1997). A sua divisão do espaço não se caracteriza por "marcações físicas assinaladas no terreno de jogo (…) mas constitui um referencial importante para a orientação dos jogadores, nomeadamente definição do estatuto e da diferenciação de funções" (Garganta, 1997:203).

Na figura seguinte estão representados os campogramas que identificam as zonas em que o autor subdividiu o espaço de jogo.

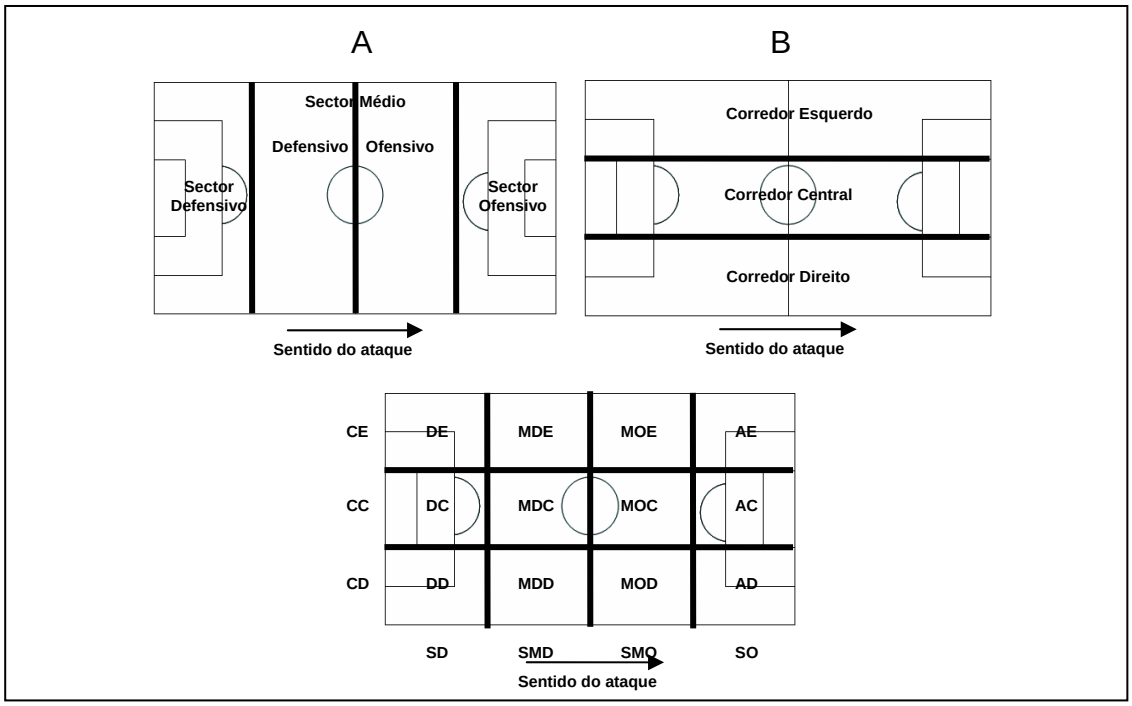

Figura 1. Campograma correspondente à divisão topográfica do terreno de jogo em 12 zonas, a partir da justaposição de 4 sectores transversais (A): SD (sector defensivo), SMD (sector médio defensivo), SMO (sector médio ofensivo), SO (sector ofensivo) e 3 corredores longitudinais (B): CD (corredor direito, CC (corredor central) e CE (corredor esquerdo). Adaptado de Garganta (1997).

3.3.5. Formas de aquisição / recuperação da posse de bola (FAB)

3.3.5.1. Intercepção (I)

Será contabilizada sempre que um jogador conquista a posse de bola interpondo-se a um passe, remate do adversário (Garganta, 1997) ou pela recolha de uma bola enviada pela equipa adversária para uma zona vazia do campo.

3.3.5.2. Desarme (D)

Será contabilizado sempre que um jogador recupera a posse de bola intervindo sobre ela, a partir da luta directa com o atacante que a procura conservar (Garganta, 1997).

3.3.5.3. Erro do Adversário (ErrA)

Será contabilizado sempre a equipa que defende recupera a posse de bola através de faltas do adversário, lançamentos de linha lateral, pontapés de baliza e foras de jogo.

3.3.5.4. Golo do Adversário (Golo)

Será contabilizado quando a bola entra na baliza da equipa que se encontra em fase defensiva. Esta equipa retoma da posse de bola no círculo central, através de um pontapé de saída.

3.3.6. Posse de bola

Considera-se que uma equipa está na posse da bola quando os seus jogadores a recuperam e realizam pelo menos um passe para um companheiro da equipa.

3.3.7. Finalização (Fin)

Serão contabilizadas todas as sequências ofensivas que terminem em finalização, com ou sem sucesso. Assim, será considerada finalização (enquadrado ou não com a baliza) desde que a respeite alguma das seguintes situações: a bola transponha a linha de fundo da equipa adversária, seja defendida pelo guarda-redes adversário, entre na baliza ou embata nos postes da baliza adversária.

3.3.8. Zona de Perda da Posse de Bola (ZPB)

Para a caracterização desta variável procedeu-se à utilização do campograma de Garganta (1997) já descrito na explicitação da variável Zona de Aquisição da Posse de Bola (ZAB).

Esta variável revela-se importante no sentido que permite perspectivar de que forma uma jogada, que não termine com finalização, possa representar uma situação ofensivamente vantajosa e de perigo para a baliza adversária.

3.4. Fiabilidade Intra-observador

Finalizada a selecção e definição das variáveis do nosso estudo, asseguramos a fiabilidade dos resultados obtidos através da determinação da fidelidade intra-observador. É por meio desta que verificamos se o mesmo observador, em diferentes momentos (quinze dias), interpreta e regista de modo idêntico a mesma situação. Em dois momentos diferentes observamos os primeiros 15 minutos de cada parte do jogo e comparamos os dois resultados em termos de acordos e desacordos, recorrendo à fórmula de Ballack (1996, cit. Garganta, 1997), para obtermos o respectivo índice de fidelidade.

$$\% \text{ Acordos} = \frac{\text{n.º Acordos}}{\text{n.º Acordos + nº desacordos}} \text{ X } 100$$

Figura 2. Fórmula de Bellack (cit. Garganta, 1997) para verificação da fiabilidade intra-observador.

Como refere Bellack (1996, cit. Garganta, 1997), as observações podem ser consideradas fiáveis se o percentual de acordos não for inferior a 85%. No quadro seguinte podemos verificar as percentagens de acordo das várias variáveis observadas.

Quadro 4 – Percentagens obtidas no teste de fiabilidade intra-observador pelas variáveis em estudo.

Variáveis	%
R Parc	100,0
TOD	88,1
NJDZ	92,0
ZAB	89,6
FAB	91,8
ZPB	89,9
Fin	100,0

Legenda: R Parc – resultado parcial; **TOD** – tipo de organização defensiva; **NJDZ** – número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **ZAB** – Zona de aquisição da posse de bola; **FAB** – Forma de aquisição da posse de bola; **ZPB** – zona de perda da posse de bola; **Fin** – Finlização; **%** - percentagem de fiabilidade intra observador.

3.5. Método e Procedimentos Estatísticos

Para caracterizar as distribuições das variáveis qualitativas (resultado parcial, tipo de organização defensiva, zona de aquisição da bola, forma de aquisição da bola e finalização) recorreu-se à percentagem. Para as variáveis quantitativas (numero de jogadores defensivos na zona da bola) recorreu-se à percentagem, à média, ao desvio-padrão e a amplitude de variação.

Para a comparar o tipo de organização defensiva com a zona de recuperação e perda da posse da bola posse de bola e frequência de finalizações, recorreu-se ao teste de correlação de Pearson.

3.6. Material Utilizado

Foram utilizados os seguintes instrumentos de apoio para a realização do presente estudo:

- Fichas de observação / registo;
- Campograma;
- Computador HP Pavilion ZT 3340;
- Impressora HP 1220c;
- Programas Informáticos Microsoft Office Excel, Word e Intervideo WinDVD e SPSS.

4. Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1. Tipos de organização defensiva

A análise de 578 sequências de recuperação de bola e evolução da jogada até á perda desta nos três jogos da amostra, permitiu retirar alguns dados sobre as medidas de tendência central e de dispersão.

Quadro 5 – Tipo de organização defensiva, medidas de tendência central e de dispersão.

TOD		N	Fr (%)
ZA	Não	457	79,1
	Sim	121	20,9
	Total	578	100,0
ZP	Não	445	77,0
	Sim	133	23,0
	Total	578	100,0
Cav	Não	461	79,8
	Sim	117	20,2
	Total	578	100,0
ZPress	Não	371	64,2
	Sim	207	35,8
	Total	578	100,0

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade de observações registadas; **Fr** – frequência relativa.

Como se pode verificar na figura 3, o tipo de organização defensiva em *zona pressing* é o mais frequente (35,8%), seguindo-se a zona passiva (23,0%), a zona activa (20,9%) e a contenção avançada (20,2%).

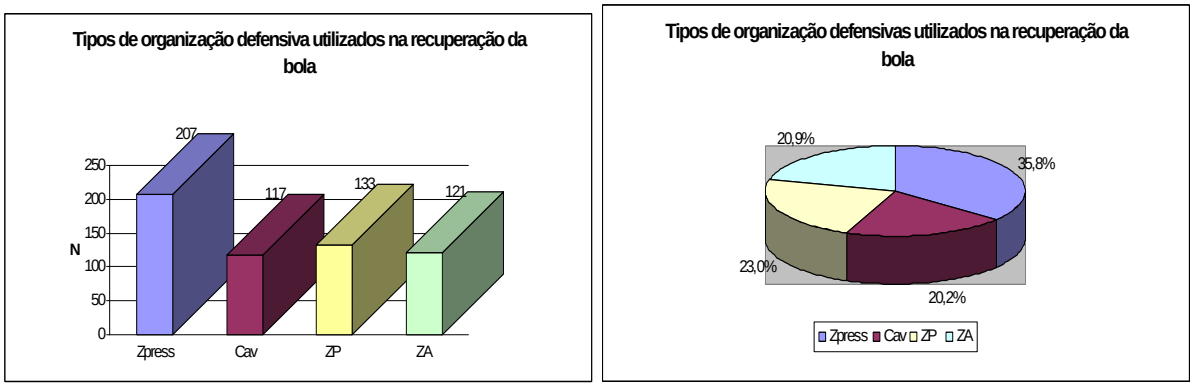

Figura 3. Gráficos do tipo de organização defensiva utilizados na recuperação da bola.

Pela soma das frequências obtidas para a zona activa e a *zona pressing* (56,7%), podemos inferir que as equipas de topo parecem utilizar TODs mais activos no sentido de recuperação activa da posse da bola.

A percentagem verificada para o tipo de organização defensiva em *zona pressing* (35,8%) que parece ir ao encontro da afirmação de Mourinho (1999) na qual este refere que os jogadores preferem defender pressionando na primeira fase da construção do adversário, pressionando alto em 10 ou 15 metros, do que juntarem as linhas atrás do meio campo e fazerem investidas de 30 a 40 metros para a frente e para trás, em situação defensiva e ofensiva.

Assim, imediatamente após a perda de bola, os jogadores, na impossibilidade de uma preponderância absoluta, tentam adquirir uma vantagem relativa na zona da bola (Castelo, 1994) tentando escurecer e reduzir os espaços de jogo ao adversário (Frade, 2002).

4.2. Tipos de organização defensiva e resultado parcial

É aceitável que se organize defensivamente a equipa conforme os resultados ao longo do jogo. No quadro 6, são apresentadas as distribuições percentuais das observações dos tipos de organização defensiva em função do resultado parcial.

Quadro 6 – Tipo de organização defensiva em função dos resultados parciais.

TOD	N	R Parc (%)		
		V	E	D
Zpress	207	6,8%	82,1%	11,1%
Cav	117	14,5%	69,2%	16,2%
ZP	133	6,0%	85,7%	8,3%
ZA	121	16,5%	77,7%	5,8%
Total	578	10,2%	79,4%	10,4%

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade de observações registadas; **R Parc** – resultado parcial; **V** – vitória; **E** - empate; **D** - derrota;

Como se constata (quadro 6), em situação de empate, a zona passiva (85,7%) é a organização defensiva que prevalece, surgindo a *zona pressing*

(82,1%), zona activa (77,7%) e contenção avançada (69,2%) nas posições seguintes.

No que concerne à utilização dos diversos tipos de organização defensiva consoante o resultado parcial verifica-se que, para todos, a maior frequência de observações ocorre em momentos em que o jogo se encontra empatado (fig. 5).

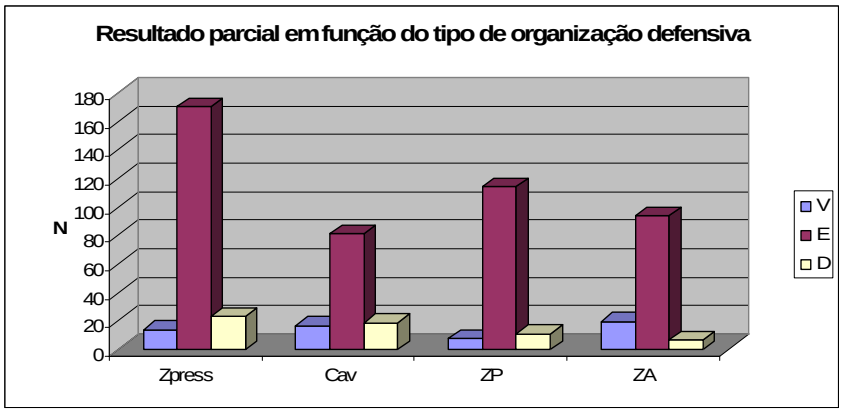

Figura 5. Gráfico da quantidade de observações do resultado parcial em função do tipo de organização defensiva.

Em situação de vitória, verifica-se que os tipos de organização defensiva mais frequentes são a zona activa (16,5%) e a contenção avançada (14,5%). Numa situação de derrotada, a equipa opta preferencialmente pela contenção avançada (16,2%) e pela *zona pressing* (11,1%). A zona passiva é pouco frequente quer nos momentos de derrota (6%) como de vitória (8,3%).

Parece relevante referir que existe uma posição antagónica entre a utilização da *zona pressing* e da zona activa na mudança dos resultados desvantajosos para os vantajosos. Na passagem da derrota a vitória verifica-se, na *zona pressing*, um aumento na sua utilização (de 6,8% para 11,1%), situação oposta à zona activa, que diminui (de 10,2% para 5,8%). Este facto pode ser justificado pelo aumento da necessidade de pressionar o adversário por parte da equipa que perde e que busca da posse de bola, intentando resultados mais positivos.

No entanto, uma análise à possível associação entre o tipo de organização defensiva e o resultado parcial, deve basear-se na correlação. No quadro 7, são apresentados os valores obtidos no teste de correlação entre estas variáveis.

Quadro 7 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e os resultados parciais.

TOD		R_Parc V	R_Parc E	R_Parc D
ZA	r	(**) 0,11	-0,02	-0,08
	Sig.	0,01	0,598	0,063
	N	578	578	578
ZP	r	-0,08	(*) 0,09	-0,04
	Sig.	0,069	0,041	0,364
	N	578	578	578
Cav	r	0,07	(**) -0,13	(*) 0,10
	Sig.	0,084	0,002	0,02
	N	578	578	578
ZPress	r	(*) -0,09	0,05	0,02
	Sig.	0,041	0,229	0,668
	N	578	578	578

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade total de sequências observadas; **r** – valor de correlação; **Sig.** – nível de significância; **R Parc** – resultado parcial; **V** – vitória; **E** - empate; **D** - derrota; **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05;

A zona activa associa-se, única e positivamente, com o resultado parcial de vitória (r=0,11). Esta situação pode ser interpretada pelo diminuir dos riscos defensivos, recuando a equipa para o meio campo defensivo e mantendo uma atitude activa na oposição ao portador da bola.

A *zona pressing* relaciona-se só se relaciona, com a vitória (r=-0,09). Esta relação negativa fortalece a baixa percentagem (6,8%) verificada por este tipo de organização defensiva com este resultado. Este facto pode ser explicado pela diminuição da busca de um resultado positivo, pois já a equipa já se encontra em vantagem.

A zona passiva (r=0,09) relaciona-se de forma positiva com o empate, facto que pode ser compreendido pelo posicionamento de espera e controlo das acções adversárias, no sentido que o resultado não é desfavorável e o assumir de riscos defensivos pode fazer a equipa passar a uma situação de derrotada.

A contenção avançada revela uma correlação positiva com o resultado parcial de derrota (r=0,10) e negativa com o empate (r=-0,13). Uma explicação para esta associação positiva com a derrota pode passar pelo assumir de riscos ofensivos que se podem traduzir em desequilíbrios defensivo, que ao serem

aproveitados pelo adversário, impõem a utilização deste tipo de organização defensiva.

Face aos baixos índices de correlação verificados (quadro 7), não é possível afirmar a existência de qualquer correlação entre a utilização dos tipos de organização defensiva e os resultados parciais ao longo do jogo.

4.3. Tipo de organização defensiva e número de jogadores envolvidos na recuperação da posse de bola.

Na amostra total de 578 recuperações da bola verificou-se que, em 437 delas existe superioridade numérica de jogadores defensivos na zona da bola, em 87 igualdade e, em 52, a equipa em fase defensiva se encontrava em inferioridade numérica (quadro 8).

Quadro 8 – Frequências do número de jogadores defensivos na zona da bola.

NJDZ		N	Fr (%)
Sup	Não	141	24,4
	Sim	437	75,6
	Total	578	100,0
Igual	Não	491	84,9
	Sim	87	15,4
	Total	578	100,0
Inf	Não	526	91,0
	Sim	52	9,0
	Total	578	100,0

Legenda: NJDZ – Número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva; **N** - quantidade de observações registadas; **Fr (%)** – frequência relativa

Percentualmente, 75,6% das recuperações da bola por parte da equipa em fase defensiva acontecem pela superioridade numérica defensiva na zona da bola. Nesta perspectiva, a recuperação da bola em igualdade (15,4%) e a inferioridade (9,0%) numérica aconteceram muito menos frequentemente.

Assim, parece que a superioridade numérica aumenta a frequência de recuperação da posse da bola.

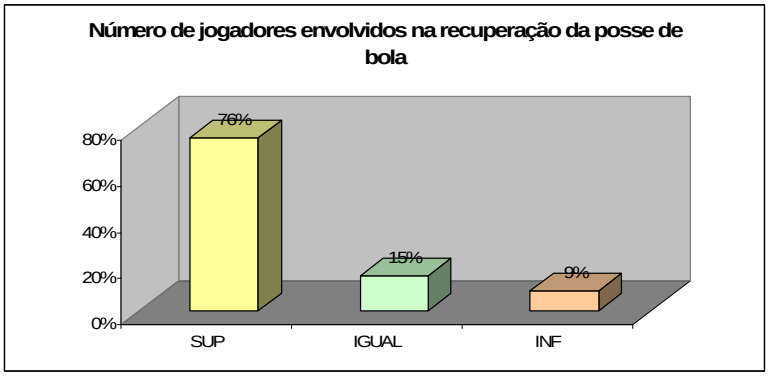

Figura 6. Gráfico do número de jogadores envolvidos na recuperação da posse de bola.

No quadro 9, são apresentados os resultados estatísticos das medidas de tendência central e de dispersão.

Quadro 9 – Número de jogadores defensivos na zona da bola e medidas de tendência central e de dispersão.

	NJDZ				
	Sup		Igual	Inf	
	Num	Tot_Jog	Tot_Jog	Num	Tot_Jog
Média	1,8	4,1	2,8	1,2	2,4
DP	1,1	1,8	1,5	0,4	1,3
A.V.	5,0	11,0	7,0	1,0	5,0
N	437		89	52	

Legenda: D.P. – desvio padrão; **A.V**. - amplitude de variação; **N** - quantidade de observações registadas; **NJDZ** – Número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Num** – diferença numérica efectiva entre o número jogadores em fase defensiva e ofensiva na zona da bola; **Tot_Jog** – Quantidade total de jogadores em fase defensiva na zona da bola.

Foram encontrados valores médios de 1,8±1,1 para a superioridade efectiva dos jogadores em fase defensiva relativamente aos em fase ofensiva, ou seja, a equipa que recupera a pose de bola coloca nessa zona entre 1,8 ± 1,1 defesas para cada atacante. Verifica-se ainda que a equipa em fase defensiva coloca entre zero e cinco jogadores na zona onde recupera a bola.

A superioridade efectiva de jogadores defensivos na zona da recuperação da posse de bola foi em média de 4,1±1,8 defesas, sendo que, o número total de defesas nessa zona, oscilou entre zero (nenhum jogador) e onze (todos) elementos da equipa.

Nas recuperações da bola em igualdade numérica verifica-se uma média de 2,8±1,5 defesas na zona da bola, tendo, o seu número total variado entre zero e sete.

Para a inferioridade numérica verificou-se, em média, que a recuperação da posse de bola acontece com 1,2±0,4 jogadores a menos em fase defensiva relativamente aos em fase oposta, a inferioridade numérica específica variado entre zero e um. O número total de defesas envolvidos na recuperação da bola em inferioridade numérica nessa zona foi, em média, de 2,4±1,3, tento o seu número total oscilado entre zero e cinco.

Quadro 10 – Tipo de organização defensiva, número de jogadores defensivos na zona da bola e medidas de tendência central e de dispersão.

		NJDZ							
		Sup			Igual		Inf		
TOD		N	Num	Tot_Jog	N	Tot_Jog	N	Num	Tot_Jog
Zpress	Média	437	1,6	4,1	89	3,2	52	1,3	2,6
	DP		0,8	1,5		1,4		0,5	1,2
	A.V.		3,0	9,0		6,0		1,0	5,0
Cav	Média		1,9	3,7		1,6		1,0	2,3
	DP		1,3	1,7		1,1		0,0	1,5
	A.V.		5,0	7,0		4,0		0,0	3,0
ZP	Média		2,1	4,3		2,5		1,0	1,4
	DP		1,3	2,1		1,4		0,0	1,0
	A.V.		5,0	10,0		5,0		1,0	3,0
ZA	Média		1,9	4,1		3,1		1,1	2,4
	DP		1,0	1,9		1,7		0,3	1,7
	A.V.		4,0	9,0		5,0		1,0	5,0

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **∑** - somatório; **D.P.** – desvio padrão; **A.V**. - amplitude de variação; **N** - quantidade de observações registadas; **NJDZ** – Número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Num** – diferença numérica efectiva entre o número jogadores em fase defensiva e ofensiva na zona da bola; **Tot_Jog** – Quantidade total de jogadores em fase defensiva na zona da bola.

Os resultados do quadro 10 realçam que a organização defensiva zona passiva (2,1±1,3), relativamente à zona activa (1,9±1,0), à contenção avançada (1,9±1,3) e à *zona pressing* (1,6±0,8), obtém maiores valores para a superioridade numérica efectiva na zona de recuperação da posse de bola. Estes valores permitem constatar que entre os tipos de organização defensiva, a *zona pressing* é o que menor superioridade efectiva de jogadores necessita para a retomar a posse da bola. Este facto pode ser explicado pela pressão imposta ao adversário em posse do esférico, colocando-o sobre grande

constrangimento espaço-temporal e aumentando a probabilidade deste cometer erros e dessa forma acelerar a recuperação da posse de bola (Castelo, 1996).

No que concerne à quantidade total de jogadores defensivos na zona da bola, a zona passiva (4,3±2,1) superioriza-se à zona activa (4,1±1,9), à *zona pressing* (4,1±1,5) e à contenção avançada (3,7±1,7). Assim, para reconquistar a bola com o mínimo de defesas na zona desta, a *zona pressing* só é suplantada pela contenção avançada.

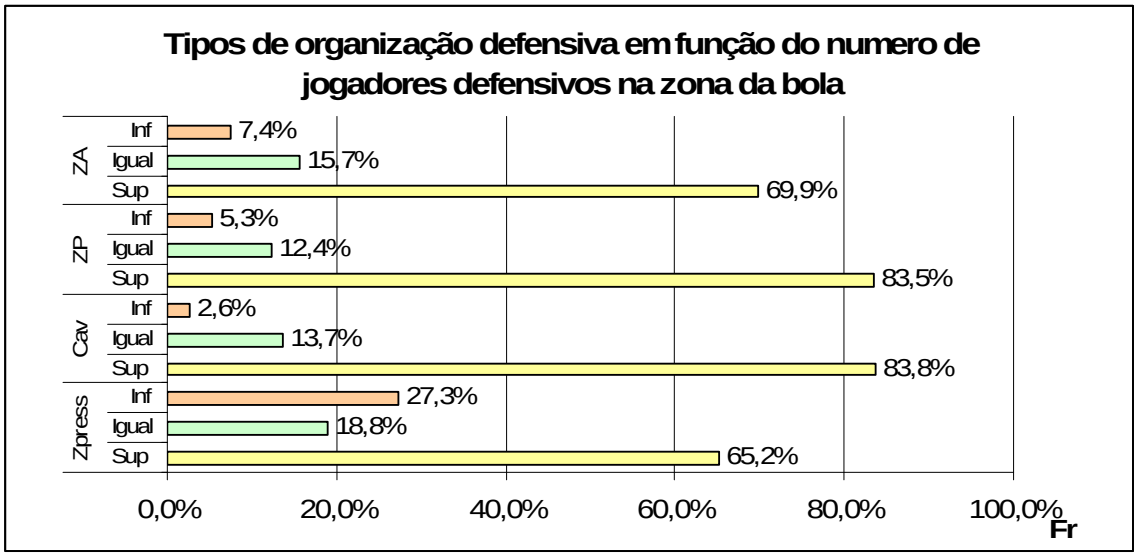

Figura 7. Gráfico dos tipos de organização defensiva em função do número de jogadores defensivos na zona da bola. **Legenda**: **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **NJDZ** – Número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva;

Comparando os resultados obtidos na fig. 7, verifica-se que, a superioridade numérica dos jogadores na zona em que se recupera a bola, prevalece em todos os tipos de organização defensiva: contenção avançada (83,8%), zona passiva (83,5%), zona activa (69,9%) e *zona pressing* (65,2%). Os valores percentuais para recuperações da bola em igualdade e inferioridade numérica, são largamente superados pelos verificados em situações de superioridade.

No que concerne à igualdade numérica, a *zona pressing* (18,8%) é o tipo de organização defensiva contabilizada com maior frequência. Em inferioridade numérica verifica-se igualmente, que a *zona pressing* (15,9%) é o único tipo de organização defensiva que se evidencia, superando por si só, a soma das

percentagens obtidas pelos restantes (15%) (quadro 10). Este aspecto parece indicar que mesmo em inferioridade numérica, uma pressão organizada por parte de alguns jogadores imediatamente após a perda da bola, permite a sua recuperação.

Deste modo, como defende Castelo (1994), as equipas parecem tentar assegurar uma preponderância relativa nas situações decisivas através de uma organização sistemática dos jogadores. Esta preponderância relativa, que ocorre quando a equipa consegue criar de superioridade numérica no centro do jogo ou nas zonas para onde a bola é enviada, relaciona-se com a resolução das várias situações momentâneas do jogo.

Pela análise da estatística descritiva, a superioridade numérica de jogadores defensivos na zona da bola parece favorecer a recuperação da bola independentemente do tipo de organização defensiva utilizado. Os níveis de associação entre estas duas variáveis estão no quadro 11.

Quadro 11 – Correlação entre o número de jogadores defensivos na zona da bola e os tipos de organização defensiva.

		NJDZ		
TOD		Sup	Igual	Inf
ZA	r	0,02	0,01	-0,03
	Sig.	0,719	0,822	0,501
	N	578	578	578
ZP	r	(*) 0,10	-0,06	-0,07
	Sig.	0,016	0,166	0,087
	N	578	578	578
Cav	r	(*) 0,10	-0,04	(**) -0,11
	Sig.	0,021	0,297	0,006
	N	578	578	578
ZPress	r	(**) -0,18	0,08	(**) 0,18
	Sig.	0	0,057	0
	N	578	578	578

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade total de sequências observadas; **r** – valor de correlação; **Sig.** – nível de significância; **NJDZ** – Número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva; **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05.

A superioridade numérica dos jogadores defensivos na zona da bola apresenta correlações positivas, sem significado estatístico, com os tipos de organização defensiva zona passiva e contenção avançada (r=0,10).

A *zona pressing* estabelece relações de carácter negativo com a superioridade (r=-0,18) e positivo com a inferioridade numérica (r = 0,18). Este valor atesta a prevalência da percentagem deste tipo de organização defensivo na recuperação da bola em inferioridade relativa (27,3%).

Não encontraram quaisquer correlações entre a igualdade numérica e os tipos de organização defensiva.

4.4. Tipo de organização defensiva e zona de recuperação da posse da bola.

Analisando os sectores onde se verificam as recuperações da bola, constata-se que é no médio defensivo (44,3%) e defensivo (39,8%) que mais frequentemente a equipa recupera a bola. Na transposição do meio campo, a frequência de conquista vai diminui intensamente, passando para 14,0% do sector médio ofensivo e 1,9% no ofensivo (quadro 12).

Quadro 12 – Percentagem de recuperação da posse de bola pelos sectores do campo em função do tipo de organização defensiva.

	ZAB (%)			
TOD	**SD**	**SMD**	**SMO**	**SO**
Zpress	3,1	18,5	12,3	1,9
Cav	14,5	5,5	0,2	0,0
ZP	11,1	10,9	1,0	0,0
ZA	11,1	9,3	0,5	0,0
Total	39,8	44,3	14,0	1,9

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **ZAB**- Zona de recuperação da posse de bola; **SD** - sector defensivo; **SMD** - sector médio defensivo; **SMO** - sector médio ofensivo; **SO** - sector ofensivo; **Fr (%)** – frequência relativa.

Esta situação pode ser explicada com o aumentar dos riscos assumidos pelas equipas em situação de ataque e vai de encontro aos resultados obtidos por Mombaerts (1991), Claudino (1993), Cabezón & Fernandez (1996) e

Garganta (1997). Por outro lado pode explicar a maior concentração de defesas nessas zonas.

Os resultados obtidos por Ribeiro (2003), apontam para uma alteração na ordem de frequência entre estas duas zonas no seu estudo em relação ao presente, uma vez que, verificou que 43,4% das recuperações da bola aconteceram no sector defensivo e 39,4% no sector médio defensivo.

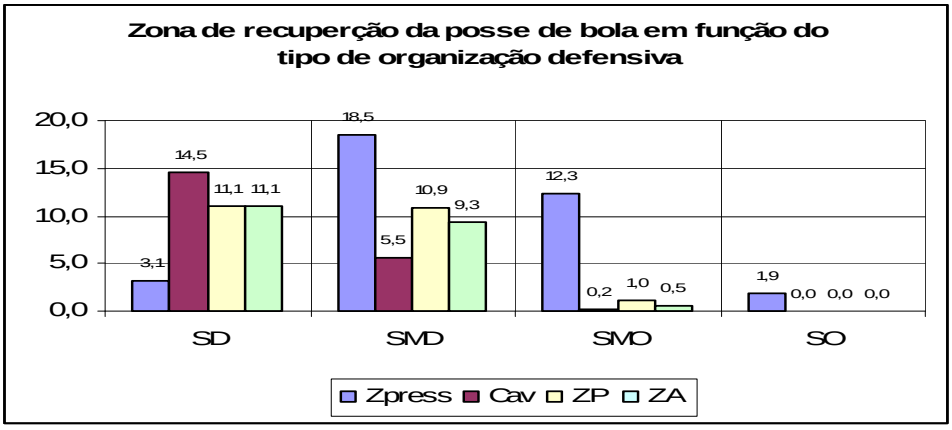

Figura 8. Gráfico da distribuição relativas das recuperações da posse de bola pelos sectores do campo em função dos tipos de organização defensiva (ver legenda do quadro 12).

A recuperação da bola, pela organização em *zona pressing,* só não prevalece no sector defensivo (3,1%), onde a contenção avançada supera (14,5%) as zonas activa e passiva (11,1%).

Denota-se um acréscimo na importância relativa da zona pressing ao se avançar para terrenos ofensivos.

Este resultado pode ser compreendido o sentido que neste sector no sentido que com o recuo no terreno, a defesa tende a adoptar uma marcação mais atenta e (quase) individualizada.

No quadro 13, é possível a observação da distribuição das recuperações da posse de bola pelos diferentes sectores do campo e em função dos diferentes tipos de organização defensiva e ainda subdivididos de acordo com o número de jogadores em fase defensiva na zona da bola.

Quadro 13 – Distribuição de recuperação da posse de bola pelos sectores do campo em função do tipo de organização defensiva.

	SD		SMD		SMO		SO		∑		Total		
TOD	N	**Fr (%)**	**N**	**Fr (%)**	**N**	**Fr (%)**	**N**	**Fr (%)**	**N**	**Fr (%)**	**N**	**Fr (%)**	**NJDZ**
Zpress	17	8,0	90	43,0	26	13,0	2	1,0	135	65,2			
Cav	70	60,0	27	23,0	1	1,0	0	0,0	98	83,8			
ZP	56	42,0	54	41,0	1	1,0	0	0,0	111	83,5	437	75,6	SUP
ZA	55	45,0	37	31,0	1	1,0	0	0,0	93	76,9			
∑	198	- -	208	- -	29	- -	2	- -	437	- -			
Zpress	1	0,0	14	7,0	20	10,0	4	2,0	39	18,8			
Cav	13	11,0	3	3,0	0	0,0	0	0,0	16	13,6			
ZP	7	5,0	6	4,0	2	1,0	0	0,0	15	11,0	89	15,4	IGUAL
ZA	7	6,0	11	9,0	1	1,0	0	0,0	19	15,6			
∑	28	- -	34	- -	23	- -	4	- -	89	- -			
Zpress	0	0,0	3	1,0	25	12,0	5	2,0	33	15,9			
Cav	1	1,0	2	2,0	0	0,0	0	0,0	3	2,5			
ZP	1	1,0	3	2,0	3	2,0	0	0,0	7	5,1	52	9,0	INF
ZA	2	2,0	6	5,0	1	1,0	0	0,0	9	7,4			
∑	4	- -	14	- -	29	- -	5	- -	52	- -			
N	230		256		81		11		578			100,0	
Fr (%)	39,8		44,3		14,0		1,9						

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; ∑ - somatório; **SD** - sector defensivo; **SMD** - sector médio defensivo; **SMO** - sector médio ofensivo; **SO** - sector ofensivo; **N** - quantidade de observações registadas; **Fr (%)** – frequência relativa; **NJDZ** – Número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva.

O tipo de organização defensiva em *zona pressing* parece favorecer a recuperação da bola nos sectores mais avançados do campo uma vez que representa 87,7% (71 em 81) das recuperações efectuadas no sector médio ofensivo e 100% das efectuadas no sector ofensivo (11 em 11). A superioridade verificada nestes sectores por parte da *zona pressing* pode ser explicada pela própria definição dos restantes tipos de organização defensiva que "empurram" os seus respectivos valores, para os sectores defensivos e médio-defensivo.

Constata-se que *a zona pressing*, com a aproximação aos sectores mais avançados, este tipo de organização defensiva revela progressivamente maior prevalência comparativamente com os restantes (fig. 8). Esta característica parece apontar que a rápida mudança de atitude, imediatamente após a perda da posse de bola, através da pressão elevada sobre o portador da bola e da redução do tempo para pensar e agir ao ataque adversário (Garganta, 1997)

possibilitando recuperá-la ainda no terço atacante (Mourinho, 1999) e aumentar o êxito no futebol pela conquista da bola nessa zona do campo (Miller, 1994).

O elevado percentual da *zona pressing* no que concerne à zona de recuperação da bola no sector médio ofensivo (87,7%) aponta no mesmo sentido ao verificado por outros estudos. Miller (1994) refere a importância de conquistar a bola o terço ofensivo para potenciar o êxito no futebol já que, como alega o autor, a conquista da posse de bola nessa zona oferece sete vezes mais possibilidades de resultar em remate do que uma bola conquistada no terço defensivo.

No quadro 14, são apresentados os resultados obtidos para a correlação entre a zona de recuperação da bola e os tipos de organização defensiva.

Quadro 14 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e a zona de recuperação da bola.

		ZAB			
TOD		SD	SMD	SMO	SO
ZA	r	(**) 0,12	0,005	(**) -0,17	-0,07
	Sig.	0,003	0,899	0	0,085
	N	578	578	578	578
ZP	r	(*) 0,10	0,04	(**) -0,15	-0,08
	Sig.	0,02	0,39	0	0,067
	N	578	578	578	578
Cav	r	(**) 0,33	(**) -0,20	(**) -0,20	-0,07
	Sig.	0	0	0	0,092
	N	578	578	578	578
ZPress	r	(**) -0,47	(*) 0,11	(**) 0,44	(**) 0,19
	Sig.	0	0,01	0	0
	N	578	578	578	578

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade total de sequências observadas; **r** – valor de correlação; **Sig.** – nível de significância; **ZAB** – zona de recuperação da posse de bola; **SD** - sector defensivo; **SMD** - sector médio defensivo; **SMO** - sector médio ofensivo; **SO** - sector ofensivo **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05.

A recuperação da bola no sector defensivo apresenta correlações positivas, estatisticamente não significativas, com os tipos de organização defensiva zona activa (r=0,12) e zona passiva (r=0,10) e uma correlação positiva fraca com a contenção avançada (r=0,33). Entre a recuperação da bola neste sector e a *zona pressing*, existe uma associação negativa e substancial (r=-0,47) (quadro 14). Estas correlações parecem indicar que, com recuo no

terreno por parte dos jogadores em fase defensiva, a relevância da *zona pressing* se difunde para os restantes tipos de organização defensiva.

Não se encontraram correlações entre a recuperação da posse de bola no sector médio defensivo com as organizações defensivas zonais activa ou passiva. A *zona pressing* (r=0,11) e a contenção avançada (r=-0,20), contudo, associam-se, pouco significativamente, com o reassumir aposse da bola neste sector (quadro 14).

No sector médio ofensivo, a recuperação da bola apresenta correlações negativas, estatisticamente não significativas, com os tipos de organização defensiva zona activa (r=-0,17), zona passiva (r=-0,17) e contenção avançada (r=-0,20) contudo, correlaciona-se de forma positiva e substancial com a *zona pressing* (r=0,44) (quadro 14). Este valor parece apontar que paralelamente ao aumento da frequência da recuperação da posse de bola neste sector, ocorre um acréscimo no número de observações deste tipo de organização defensiva.

A recuperação da posse da bola no sector ofensivo neste sector só apresenta relação com o tipo de organização defensiva *zona pressing*. A relação (r=0,20) apurada era prenunciada, uma vez que, a *zona pressing* se revelou responsável pela totalidade das recuperações da bola neste sector.

Assim, os dados apontam que a zona pressing está positivamente associada com a recuperação da posse da bola nos sectores mais avançados (médio ofensivo e ofensivo).

4.4.1. Zona de recuperação da bola e finalização

Como já foi referido, a zona de recuperação da posse de bola influencia o sucesso das equipas. No quadro 15, podemos verificar as percentagens de finalização em função da zona de recuperação da bola.

Quadro 15 – Frequências de finalização em função da zona de recuperação da bola por secores.

ZAB	Fin %				% Finalização por sectores
	Golo	Postes	G.R.	Fora	
SD	1,8	0,0	5,5	14,5	21,8
SMD	4,5	0,0	21,8	18,2	44,5
SMO	0,0	0,9	7,3	20,9	29,1
SO	0,0	0,0	2,7	1,8	4,5
			Total	**100,0**	**100,0**

Legenda: ZAB – zona de recuperação da posse de bola; **SD** - sector defensivo; **SMD** - sector médio defensivo; **SMO** - sector médio ofensivo; **SO** - sector ofensivo; **Fin –** Finalização; **Golo** – finalização que se traduz em golo; **Poste** – finalização ao pote/barra; **GR** – finalização interceptada pelo guarda-redes; **Fora** – finalização não enquadrada com a baliza adversária e que sai pela linha final.

Denota-se uma prevalência das finalizações que resultam de recuperações da posse da bola no sector médio defensivo (44,5%) relativamente às efectuadas no médio ofensivo (29,1%), no defensivo (21,8%) e no ofensivo (4,5%).

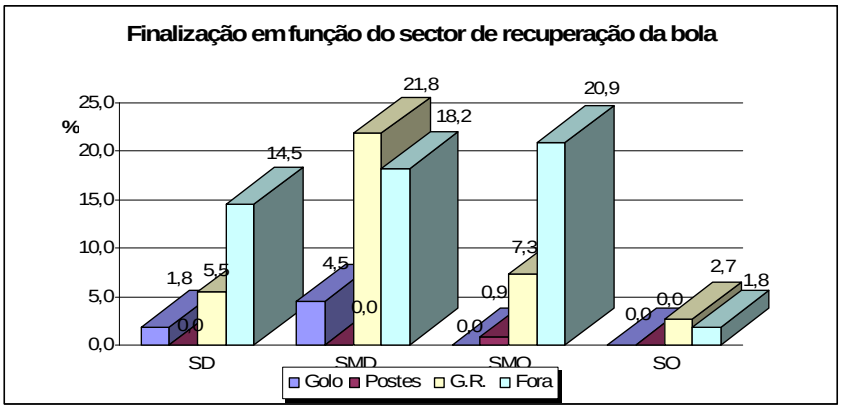

Figura 9. Gráfico da distribuição relativas das finalizações em função das zonas de recuperação da posse da bola (sectores).

Estes resultados, embora em menor magnitude, vão de encontro aos obtidos por Garganta (1997) ao verificar que 78% das sequências finalizadas com remate tiveram início com a conquista da posse da bola no sector médio defensivo.

Constata-se que 28,6% e 71,4% das finalizações concluídas em golo tiveram início com a recuperação da bola nos sectores defensivo e médio defensivo, respectivamente. Este facto opõe-se aos resultados verificados por Garganta et al (1996) que, a partir da análise de 104 sequências ofensivas concluídas em golo, verificou que em 45% das vezes a bola foi recuperada no

terço ofensivo, 26% no intermediário e 29% no defensivo. Estes resultados opõem-se, igualmente, aos obtidos por Araújo (1998) que verificou que em 150 sequências ofensivas de contra-ataque, 72% iniciavam-se pela conquista da bola no terço ofensivo e, acrescentou que 93% das sequências ofensivas iniciadas no meio campo ofensivo terminavam em golo.

No quadro 16, são apresentados os valores obtidos para a correlação entre os sectores de recuperação da bola e a finalização. Como se verifica, a recuperação da bola no sector defensivo só se correlaciona e de forma negativa, com a finalização interceptada pelo guarda-redes (r=-0,14) e com as não se enquadram com a baliza (r=-0,08).

A recuperação da bola no sector médio defensivo não apresenta correlação com a finalização.

Quadro 16 – Correlação entre a zona de recuperação da bola e a finalização

		Fin			
ZAB		Golo	Poste	GR	Fora
SD	r	-0,03	-0,03	(**) -0,14	(*) -0,08
	Sig.	0,554	0,420	0,001	0,043
	N	578	578	578	578
SMD	r	0,03	-0,04	0,08	-0,07
	Sig.	0,486	0,375	0,060	0,088
	N	578	578	578	578
SMO	r	-0,05	(*) 0,10	0,04	(**) 0,21
	Sig.	0,283	0,013	0306	0,000
	N	578	578	578	578
SO	r	(*) 0,10	-0,01	(*) 0,11	0,03
	Sig.	0,016	0,889	0,010	0,452
	N	578	578	578	578

Legenda: ZAB – zona de recuperação da posse de bola; **SD** - sector defensivo; **SMD** - sector médio defensivo; **SMO** - sector médio ofensivo; **SO** - sector ofensivo; **Fin** - Finalização; **Golo** – finalização que se traduz em golo; **Poste** – finalização ao pote/barra; **GR** – finalização interceptada pelo guarda-redes; **Fora** – finalização não enquadrada com a baliza adversária e que sai pela linha final; **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05.

Foram encontradas correlações positivas, pouco significativas, entre as recuperações da bola no sector médio ofensivo e a finalização ao poste (r=0,10) e positivas fracas com as que não se enquadram com a baliza (r=0,21).

A recuperação no sector ofensivo está associada, de forma pouco significativa, com a obtenção do golo (r=0,10) e com as interceptadas pelo guarda-redes (r=0,11).

4.5. Tipo de organização defensiva e forma de recuperação da bola.

Como se verificou no ponto 4.4, a *zona pressing* salienta-se dos demais tipos de organização defensiva no que concerne à recuperação da posse de bola no sector ofensivo. No entanto, por si só, esses valores não a validam como a que proporciona mais finalizações. Como defende Garganta (1997), as equipas devem procurar recuperar a posse de bola de forma dinâmica no sentido de garantir a continuidade do jogo para desse modo, criar desequilíbrios e surpreender o adversário na sua organização defensiva. Esta fluidez consegue-se pela recuperação da posse de bola sem interrupções do jogo, como são os casos do desarme a da intercepção. No quadro 17, é possível verificar as percentagens obtidas pelas formas de recuperação da bola em função do número de jogadores defensivos na zona da bola e do tipo de organização defensiva.

Quadro 17 – Formas de recuperação da bola em função do tipo de organização defensiva e do número de jogadores defensivos na zona da bola.

		FAB (%)				Total
		I	D	ErrA	Golo	Fr (%)
TOD	Zpress	17,1	11,4	7,3	0,0	35,8
	Cav	8,5	4,8	6,6	0,3	20,2
	ZP	13,7	1,0	7,6	0,7	23,0
	ZA	11,1	2,9	6,7	0,2	20,9
	Total	**50,3**	**20,2**	**28,2**	**1,2**	**100,0**
NJDZ	SUP	39,4	14,9	20,1	1,2	75,6
	IGUAL	7,3	3,5	4,7	0,0	15,4
	INF	3,6	1,9	3,5	0,0	9,0
	Total	**50,3**	**20,2**	**28,2**	**1,2**	**100,0**

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **FAB**- Forma de recuperação da posse de bola; **I** - intercepção; **D** - desarme; **ErrA** – erro adversário; **Golo** – golo do adversário; **Fr (%)** – frequência relativa; **NJDZ** – número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva

Como se constata no quadro, a intercepção (50,3%) foi a forma de recuperação da bola que mais frequente, seguida pelo erro adversário (28,2%) e do desarme (20,2%). A soma das percentagens obtidas pela intercepção e pelo desarme, representam 70,5% do total das recuperações da posse de bola.

Estes resultados vão de encontro aos obtidos por Mendes (2002) no qual estudadas duas equipas, encontrou, para uma delas, resultados similares: intercepção (55%), erro adversário (28,4%) e desarme (16,1%). Claudino (1993), pela análise de equipas de alto nível, encontrou uma hierarquia semelhante na qual a intercepção (36%), o erro do adversário (15%) e o desarme formas as formas de recuperação da bola mais frequentes.

O facto de a maioria das recuperações da posse de bola pela equipa ser consubstanciada através de comportamentos técnico-tácticos de intercepção, pode ser compreendido devido às equipas adversárias recorrerem sobretudo a acções colectivas, e não individuais, quando em posse de bola. Por outro lado, pode ser justificada pela marcação aos espaços e aos adversários que possam dar continuidade ao processo ofensivo oposto, de tal modo atenta e cerrada que lhes permite antecipar com frequência a acção do passe pelo opositor

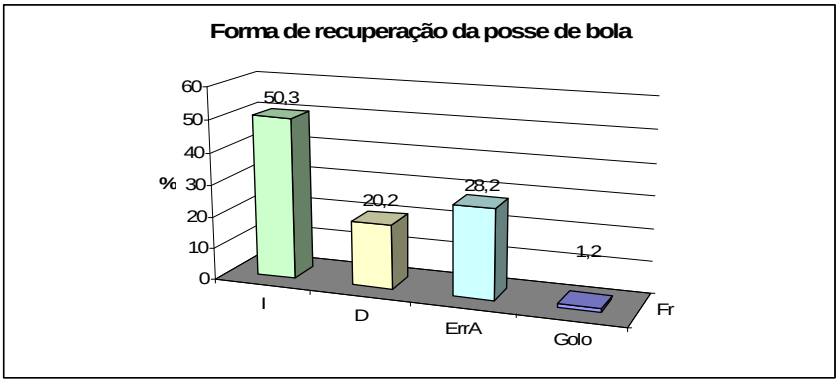

Figura 10. Gráfico da distribuição relativas das recuperações da posse de bola

Estudando as formas de recuperação da bola, Garganta (1997) constatou que os valores percentuais de sequencias positivas com e sem remate fazem destacar claramente o erro adversário, a intercepção e o desarme. Esta ordem de prevalência não se assemelha à obtida neste estudo.

Araújo (1998), refere que o erro do adversário (39,3%) e o desarme (38,7%) verificam-se em percentagens semelhantes, resultados opostos ao deste estudo, no qual as percentagens destas variáveis distam 8%.

Esta variação dos resultados em diversos estudos pode ser interpretada pelas amostras diferenciadas ou pela diferença de importância dada aos tipos de organização defensiva por parte das equipas estudadas.

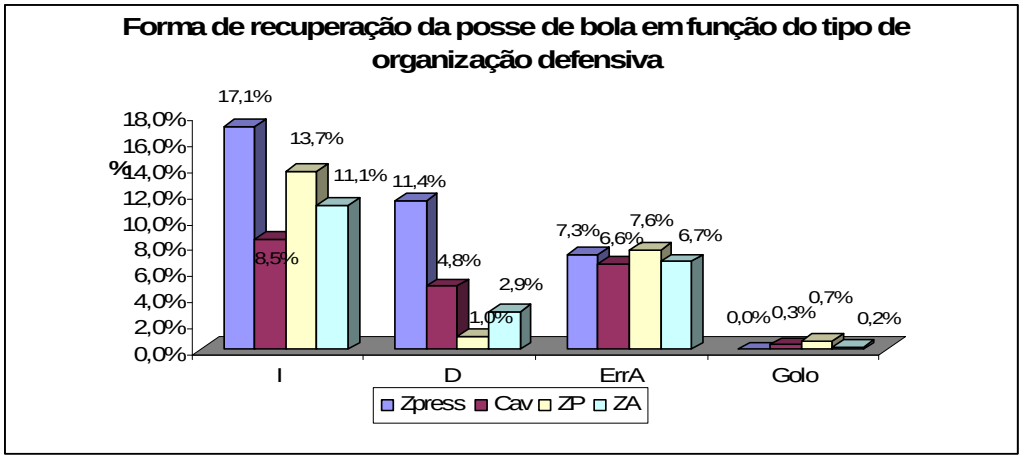

Figura 11. Gráfico da distribuição relativas das formas de recuperação da posse de bola em função dos tipos de organização defensiva.

Verifica-se ainda que somente na *zona pressing*, a intercepção (17,1%) e o desarme (11,4%), foram as duas formas de recuperação da bola mais frequentes. Embora a intercepção se mantenha como a forma de recuperação da bola mais frequente na zona passiva (13,7%), na zona activa (11,1%) e na contenção avançada (8,5%), o mesmo não se verifica relativamente à segunda mais frequente que recai sobre erro adversário na zona passiva (7,6%), na zona activa (6,7%) e na contenção avançada (6,6%) (fig. 11).

Este aspecto pode indiciar que a organização defensiva *zona pressing* proporciona uma maior frequência destas duas formas de recuperação da bola (intercepção e desarme) que permitem a continuidade do fluxo do jogo. Para confirmar esta relação são apresentados no quadro 16 (pág. seguinte) os resultados.

Relativamente à recuperação da posse de bola por golo do adversário, verifica-se que, em oposição à zona passiva (0,7%), contenção avançada (0,3%) e zona activa (0,2%), somente a *zona pressing* não concedeu qualquer golo.

No que concerne ao erro adversário, constata-se um grande equilíbrio entre todos os tipos de organização defensiva já que todos os valores percentuais se situam no intervalo 6,6% a 7,6%.

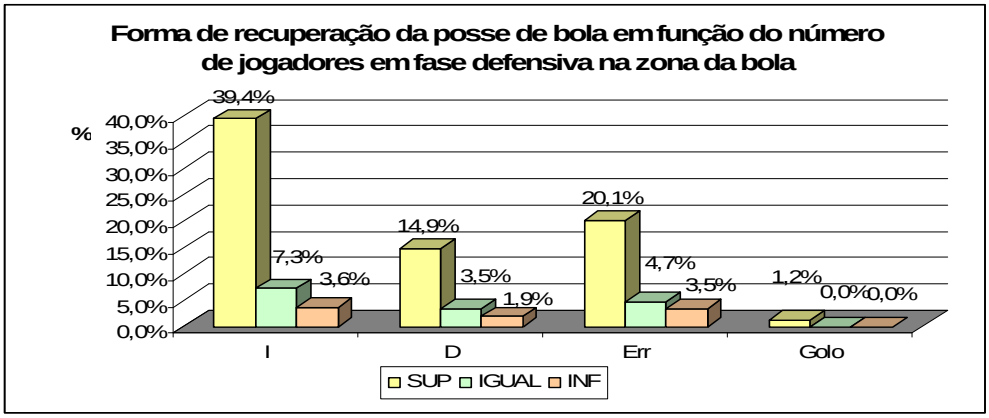

Figura 12. Gráfico da distribuição relativas das formas de recuperação da posse de bola em função do número de jogadores em fase defensiva na zona da bola.

Relativamente à frequência das várias formas de recuperação da posse de bola em função do número de jogadores verifica-se que a superioridade numérica sobressai relativamente à igualdade e a inferioridade em todas.

No que concerne ao estudo de uma possível relação entre as formas de recuperação da posse de bola e os tipos de organização defensiva, os resultados são apresentados no quadro 18.

Quadro 18 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e a forma de aquisição da bola.

		FAB			
TOD		I	D	ErrA	Golo
ZA	r	0,03	-0,08	0,05	-0,02
	Sig.	0,529	0,057	0,269	0,664
	N	578	578	578	578
ZP	r	(*) 0,10	(**) -0,21	0,059	(*) 0,09
	Sig.	0,017	0	0,154	0,031
	N	578	578	578	578
Cav	r	(*) -0,09	0,05	0,05	0,02
	Sig.	0,04	0,267	0,25	0,582
	N	578	578	578	578
ZPress	r	-0,04	(**) 0,22	(**) -0,13	(*) -0,08
	Sig.	0,366	0	0,002	0,047
	N	578	578	578	578

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade total de sequências observadas; **r** – valor de correlação; **Sig.** – nível de significância; **FAB**- Forma de recuperação da posse de bola; **I** - intercepção; **D** - desarme; **ErrA** – erro adversário; **Golo** – golo do adversário **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05.

No se encontrou qualquer correlação entre a zona activa e qualquer das formas de aquisição da bola, facto que a demarca dos demais tipos de organização defensiva.

Relativamente à zona passiva, verificam-se correlações positivas com a intercepção (r = 0,10) e com o golo sofrido (r = 0,09), sendo contudo valores de relação sem significado estatístico. A zona passiva apresenta ainda uma correlação negativa e fraca com o desarme (r=-0,21). Estes dados parecem revelar que a zona passiva não proporciona transições para o ataque sem interrupções do jogo.

No que respeita à contenção avançada, verifica-se uma relação negativa indiferente entre esta e a intercepção (r=-0,09), não se constatando entretanto, quaisquer correlações com as demais formas de aquisição da bola.

A *zona pressing* não apresenta qualquer correlação com a intercepção, contudo, verifica-se uma correlação positiva e fraca com o desarme (r=0,22), destacando-a dos restantes tipos de organização defensiva no que concerne à possibilidade de passagem para a fase ofensiva sem interrupção do jogo. Foram ainda encontradas correlações negativas indiferentes com o erro adversário (r=-0,13) e o golo sofrido (r =-0,08), formas interruptoras do fluxo de jogo. Assim, parece que a zona pressing se afasta dos sistemas defensivos mais permissivos no que respeita nos golos sofridos. Este facto pode explicado pela necessidade do adversário em jogar para trás face à pressão que sofre e ainda por se verificar, fundamentalmente, nos sectores intermédios defensivo e ofensivo.

Estes resultados parecem apontar no sentido de que a *zona pressing* é, entre os tipos de organização defensiva, aquele que mais proporciona uma transição para o ataque sem interrupções do fluxo do jogo.

4.5.1. Forma de recuperação da posse de bola e finalização.

Como foi referido, as formas de recuperação da posse de bola que permitem a manutenção do fluxo do jogo, tendem a influenciar a eficácia ofensiva, permitindo maior percentagem de finalizações.

Quadro 19 – Distribuição das finalizações em função da forma de recuperação da bola.

FAB	Fin %				Total por FAB
	Golo	Postes	G.R.	Fora	
I	2,7	0,9	15,5	31,8	**50,9**
D	2,7	0,0	11,8	12,7	**27,3**
ErrA	0,9	0,0	10,0	9,1	**20,0**
Golo	0,0	0,0	0,0	1,8	**1,8**
Total	**6,4**	**0,9**	**37,3**	**55,5**	**100,0**

Legenda: FAB- Forma de recuperação da posse de bola; **I** - intercepção; **D** - desarme; **ErrA** – erro adversário; **Golo** – golo do adversário; **Fin** – Finalização; **Golo** – finalização que se traduz em golo; **Poste** – finalização ao pote/barra; **GR** – finalização interceptada pelo guarda-redes; **Fora** – finalização não enquadrada com a baliza adversária e que sai pela linha final

Pela análise do quadro 19, verifica-se que a intercepção (50,9%) prevaleceu ao desarme (27,3%), ao erro adversário (20,0%) e ao golo sofrido (1,8%), no que concerne à finalização em função da forma de recuperação da bola. Constata-se que 78,2% das finalizações ocorreram através de transições para a fase ofensiva sem interrupção do fluxo do jogo. Estes valores não corroboram com os obtidos por Garganta (1997) que encontrou valores de 33% para as finalizações de sequências ofensivas iniciadas com recuperação da bola através da erro adversário, 24% a partir da intercepção e 14% a partir do desarme.

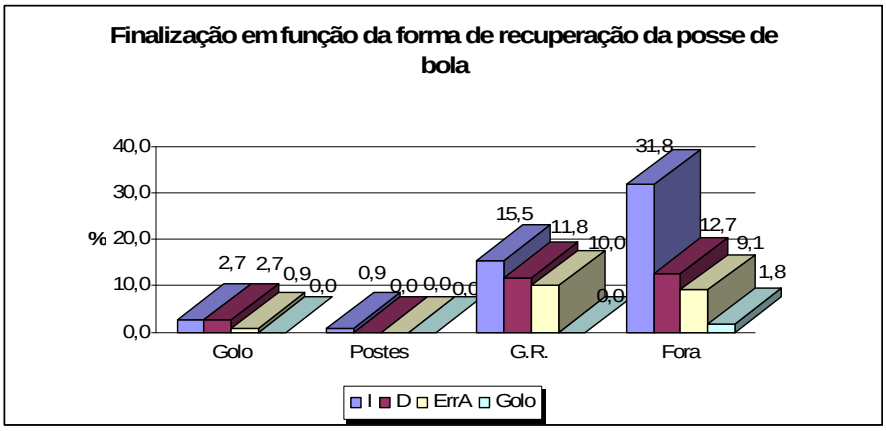

Figura 13. Gráfico da distribuição relativas das finalizações em função da forma de recuperação da posse de bola.

Como se apura na fig. 13, as finalizações para fora (55,5%) e as interceptadas pelos guarda-redes (37,3%) foram as finalizações mais frequentes. Verifica-se que as finalizações precedidas pela recuperação através da intercepção, predominam para as finalizações defendidas pelo guarda-redes

(15,5%), comparativamente às precipitadas pelo desarme (11,8%) e pelo erro adversário (10,0%). Nos remates para fora, a hierarquia mantém-se notando-se um incremento acentuado no que concerne à recuperação pela intercepção (31,8%).

Somente 6,3% das finalizações resultaram em golo e, destas, as recuperações da posse de bola por intercepção e pelo desarme (42,9% cada) foram as que se evidenciaram.

A análise de correlação entre as formas de recuperação da bola e a finalização resultaram no conjunto de dados do quadro 20.

Quadro 20 – Correlação entre a forma de recuperação da bola e a finalização

FAB		Fin			
		Golo	Poste	GR	Fora
I	r	-0,02	0,06	-0,03	-0,01
	Sig.	0,691	0,135	0,411	0,769
	N	578	578	578	578
D	r	0,04	-0,02	-0,03	-0,01
	Sig.	0,321	0,615	0,531	0,912
	N	578	578	578	578
ErrA	r	-0,04	0,06	-0,01	-0,03
	Sig.	0,405	0146	0,844	0,474
	N	578	578	578	578
Golo	r	0,03	0,02	-0,07	0,06
	Sig.	0,421	0,615	0,091	0,158
	N	578	578	578	578

Legenda: FAB - Forma de recuperação da posse de bola; **I** - intercepção; **D** - desarme; **ErrA** – erro adversário; **Golo** – golo do adversário; **Fin** - Finalização; **Golo** – finalização que se traduz em golo; **Poste** – finalização ao pote/barra; **GR** – finalização interceptada pelo guarda-redes; **Fora** – finalização não enquadrada com a baliza adversária e que sai pela linha final; **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05.

Como se constata, não foram encontrados quaisquer resultados de correlação entre estas variáveis, pelo que se afirma não existirem associações entre as mesmas.

4.6 Tipo de organização defensiva e zona de perda da posse da bola.

É apresentada no quadro 21, a distribuição das perdas da posse de bola pelos sectores do campo de jogo.

Quadro 21 – Zona da perda da posse da bola em função dos tipos de organização defensiva.

TOD	ZPB								Totais	
	SD		SMD		SMO		SO			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	Fr (%)
Zpress	0	0,0	13	6,0	88	43,0	106	51,0	207	100,0
Cav	7	6,0	19	16,0	47	40,0	44	38,0	117	100,0
ZP	3	2,0	28	21,0	54	41,0	48	36,0	133	100,0
ZA	1	1,0	27	22,0	57	47,0	36	30,0	121	100,0
Fr (%) / sector	1,9		15,1		43,0		40,5		578	100,0

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **ZPB** – zona de perda da posse de bola; **SD** - sector defensivo; **SMD** - sector médio defensivo; **SMO** - sector médio ofensivo; **SO** - sector ofensivo; **N** - quantidade de observações registadas; **Fr (%)** – frequência relativa

Como esperado, as zonas onde mais frequentemente se perde a posse de bola encontram-se nos sectores médio ofensivo (43%) e ofensivo (40,5%).

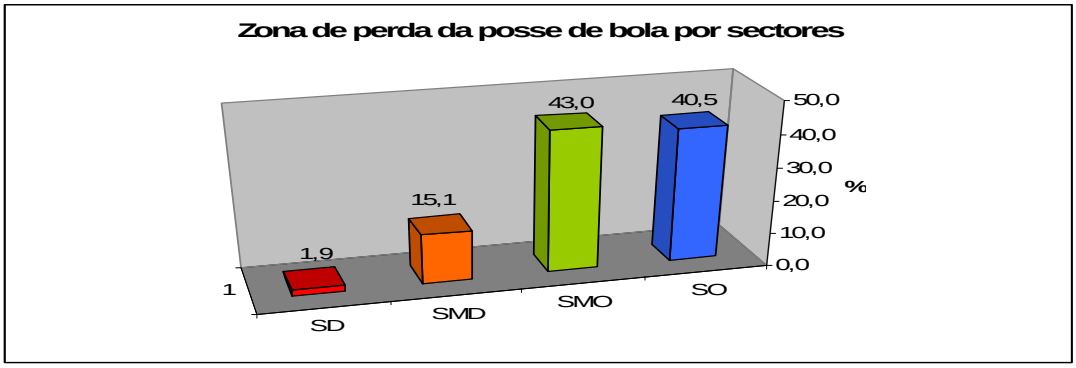

Figura 14. Gráfico da distribuição relativas zonas de perda da posse de bola em função dos sectores do campo.

Somente 1,9% das perdas de bola acontecem no sector defensivo e 15,1% no sector médio ofensivo. Estes percentuais reduzidos parecem derivar do facto de que as equipas, nestas zonas do terreno de jogo, privilegiarem a segurança e calcularem a execução dos comportamentos táctico-técnicos de modo a não arriscar uma perda da bola que, para Castelo (1996) implicaria um grave risco táctico devido à proximidade da própria baliza e do elevado numero

de companheiros posicionados à frente da linha da bola. Por outro lado, pode significar um recuo por parte da equipa que após a perda da bola, no sentido de evitar o ataque rápido por parte do adversário, “oferece” o espaço mais afastado da baliza.

No que comporta à perda da posse de bola no sector médio ofensivo, todos os tipos de organização defensiva apresentam valores no intervalo 40% a 50%. Denota-se contudo, uma ligeira superioridade da zona activa (47%) relativamente à *zona pressing* (43%), à zona passiva (41%) e à contenção passiva (40%) (quadro 13).

A *zona pressing* destaca-se dos restantes tipos de organização defensiva no que concerne à perda da bola no sector ofensivo (51%). A contenção avançada (38%), a zona passiva (36%) e a zona activa (30%) apresentam valores semelhantes, mas inferiores à *zona pressing*. Por outras palavras, um pouco mais de metade das posses de bola adquiridas pela organização defensiva em *zona pressing* terminam no sector mais avançado do campo.

Estes dados parecem indicar que a *zona pressing*, enquanto organização defensiva, proporciona à equipa, na passagem para a fase ofensiva, um aumento da frequência de jogadas em zonas de perigo ou de finalização. Uma explicação para esta preponderância, como defende Garganta (1997), é a criação de desequilíbrios provocados por este sistema defensivo desse modo que permitem surpreender o adversário na sua organização defensiva.

Para uma compreensão mais fiável da relação entre o tipo de organização defensiva e a zona de perda da posse da bola, os resultados do teste de correlação são apresentados na tabela seguinte.

Quadro 22 – Correlação entre a zona da perda da posse de bola e os tipos de organização defensiva.

		ZPB			
TOD		SD	SMD	SMO	SO
ZA	r	-0,04	(**) 0,13	0,05	-0,07
	Sig.	0,331	0,002	0,238	0,105
	N	578	578	578	578
ZP	r	0,01	(*) 0,10	-0,02	0,01
	Sig.	0,735	0,015	0,635	0,745
	N	578	578	578	578
Cav	r	(**) 0,15	0,02	-0,02	0,03
	Sig.	0	0,558	0,588	0,415
	N	578	578	578	578
ZPress	r	(*) -0,10	(**) -0,22	-0,01	0,02
	Sig.	0,012	0	0,897	0,685
	N	578	578	578	578

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade total de sequências observadas; **r** – valor de correlação; **Sig.** – nível de significância; **ZPB** – zona de perda da posse de bola; **SD** - sector defensivo; **SMD** - sector médio defensivo; **SMO** - sector médio ofensivo; **SO** - sector ofensivo **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05.

Como se verifica, não foram encontrados valores de correlação entre os tipos de organização defensiva e os sectores médio ofensivo e ofensivo.

A perda da posse de bola no sector defensivo associa-se, pouco significativamente, de forma positiva com a contenção avançada (r = 0,15) e negativa com a *zona pressing* (r = - 0,10). Assim, parece que a recuperação da posse de bola em contenção avançada não abona a favor da profundidade de jogo da equipa, ao passar para a fase ofensiva.

No que concerne à perda da bola no sector médio defensivo, verificam-se correlações positivas, sem significado estatístico, com a zona activa (r = 0,13) e com a zona passiva (r = 0,10) e correlação negativa fraca com a *zona pressing* (r = - 0,22).

4.7. Tipo de organização defensiva e finalização.

No presente estudo foram registadas 110 finalizações valor que indica que somente 19% das sequências ofensivas são finalizadas.

No que concerne às finalizações, a informação que imediatamente se realça é a elevada percentagem verificada para recuperação da bola através do tipo de organização defensiva *zona pressing* (65,5%), comparativamente com a contenção avançada (12,7%), a zona passiva (12,7%) e com a zona activa (9,1%). Estes valores parecem apontar no sentido que uma organização defensiva *zona pressing* favorece a finalização.

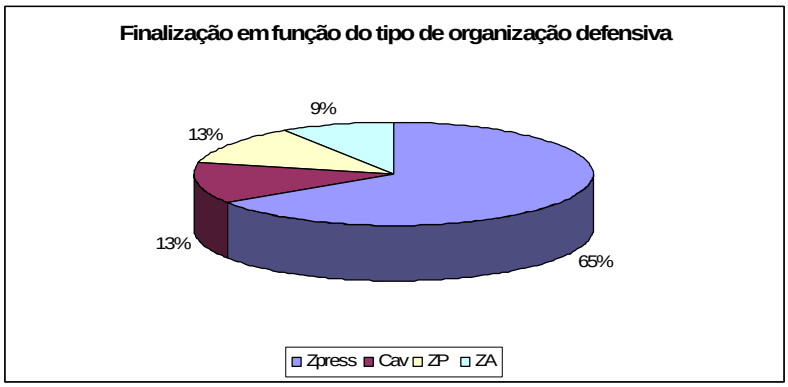

Figura 15. Gráfico da distribuição relativas finalizações em função dos tipos de organização defensiva

Garganta (1997), verificou que a zona activa (58,9%) e a zona passiva (19,6%) foram os tipos de organização defensiva responsáveis pela maioria das finalizações com remate as finalizações com remate. Estes resultados opõem-se aos verificados neste estudo.

No quadro 23 são apresentados os resultados das observações às finalizações em função do número de jogadores em fase defensiva na zona da bola e do tipo de organização defensiva.

No que respeita ao número de jogadores em fase defensiva verifica-se que, quando estes estão em superioridade em relação ao adversário na zona recuperação da bola, tendem a proporcionar maior frequência de finalizações em todos os tipos de organização defensiva. As percentagens obtidas pela *zona*

pressing (38,2%), contenção avançada (9,1%), zona passiva (12,7%) e zona activa (4,5%) para as finalizações após a recuperação da bola em superioridade numérica assim atestam (quadro 23).

Quadro 23 – Finalização em função do tipo de organização defensiva e do número de jogadores defensivos na zona da bola.

		Fin				Total	
TOD	NJDZ	Golo	Postes	G.R.	Fora	N	Fr (%)
Zpress	Sup	4	1	18	19	42	38,2
	Igual	1	0	3	11	15	13,6
	Inf	1	0	7	7	15	13,6
	Total	6	1	28	37	72	65,5
Cav	Sup	0	0	2	8	10	9,1
	Igual	0	0	3	1	4	3,6
	Inf	0	0	0	0	0	0,0
	Total	0	0	5	9	14	12,7
ZP	Sup	0	0	5	9	14	12,7
	Igual	0	0	0	0	0	0,0
	Inf	0	0	0	0	0	0,0
	Total	0	0	5	9	14	12,7
ZA	Sup	1	0	2	2	5	4,5
	Igual	0	0	0	3	3	2,7
	Inf	0	0	1	1	2	1,8
	Total	1	0	3	6	10	9,1
Total	N	7	1	41	61	110	100,0
	Fr (%)	6,0	1,0	37,0	56,0		

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **Fin** - Finalização; **Golo** – finalização que se traduz em golo; **Poste** – finalização ao pote/barra; **GR** – finalização interceptada pelo guarda-redes; **Fora** – finalização não enquadrada com a baliza adversária e que sai pela linha final; **Fr (%)** – frequência relativa; **NJDZ** – número de jogadores em fase defensiva na zona da bola; **Sup** – superioridade numérica da equipa em fase defensiva; **Igual** - igualdade numérica entre os jogadores em fase defensiva e ofensiva; **Inf** - inferioridade numérica da equipa em fase defensiva

A recuperação da posse de bola através de um tipo de organização defensiva em *zona pressing* destaca-se por contabilizar 85,7% (6 em 7) dos golos, 100% (1 em 1) das bolas enviadas ao poste, 68,3% (28 em 41) das finalizações interceptadas pelos guarda-redes e, finalmente, 60,7% das finalizações para fora.

Marinho (2001) verificou que a zona pressing (73%) foi o tipo de organização defensiva que mais contribuiu para a marcação de golos, resultado que vai de encontro aos obtidos neste estudo.

Pela análise da correlação entre os tipos de organização defensiva e a finalização é possível uma melhor compreensão sobre uma possível relação entre estas variáveis.

Quadro 24 – Correlação entre o tipo de organização defensiva e a finalização.

		Fin			
TOD		Golo	Poste	GR	Fora
ZA	r	-0,02	-0,02	(*) -0,09	(*) -0,09
	Sig.	0,664	0,607	0,03	0,041
	N	578	578	578	578
ZP	r	-0,06	-0,02	-0,07	-0,06
	Sig.	0,146	0,585	0,096	0,143
	N	578	578	578	578
Cav	r	-0,06	-0,02	-0,05	-0,04
	Sig.	0,181	0,615	0,195	0,308
	N	578	578	578	578
ZPress	r	(**) 0,12	0,06	(**) 0,18	(**) 0,02
	Sig.	0,006	0,181	0	0
	N	578	578	578	578

Legenda: TOD – tipo de organização defensiva; **Zpress** – *zona pressing*; **Cav** – contenção avançada; **ZP** – zona passiva; **ZA** – zona activa; **N** - quantidade total de sequências observadas; **r** – valor de correlação; **Sig.** – nível de significância; **Fin** - Finalização; **Golo** – finalização que se traduz em golo; **Poste** – finalização ao pote/barra; **GR** – finalização interceptada pelo guarda-redes; **Fora** – finalização não enquadrada com a baliza adversária e que sai pela linha final; **(**)** – correlação com significado para um nível de 0.01; **(*)** - correlação com significado para um nível de 0.05.

A zona activa apresenta idênticas correlações negativas, sem significado estatístico, com os remates interceptados pelo guarda-redes e os que saem pela linha final (r = - 0,09).

Os tipos de organização defensiva zona passiva e a contenção avançada não se correlacionam com qualquer das finalizações.

Finalmente, a *zona pressing* apresenta correlações positivas, sem significado estatístico, com as finalizações para fora (r = 0,02), com as que resultam em golos (r = 0,12) e com as defendidas pelo guarda-redes (r = 0,18).

Estes dados parecem apontar que, entre os diversos tipos de organização defensiva, somente a *zona pressing* parece desempenhar um papel no aumento das finalizações no futebol. Contudo, os baixos valores de relação verificados, não permitem retirar uma conclusão final.

5. CONCLUSÕES

Os resultados do presente estudo permitem as seguintes conclusões:

(i) Na defesa em *zona pressing* partilha características globais com a defesa à zona, pretendendo colocar o adversário em posse de bola sobre grande constrangimento espaço-temporal aumentando a probabilidade deste cometer erros permitindo, assim, acelerar a recuperação da posse de bola para se poder atacar.

(ii) A *zona pressing* foi o tipo de organização defensiva mais prevalente (35,8%) na análise de jogo, seguindo-se a zona passiva (23,0%), a zona activa (20,9%) e a contenção avançada (20,2%).

(iii) As equipas que, na fase defensiva, conseguem obter uma vantagem numérica relativa na zona da bola, recuperam a sua posse mais frequentemente (75,6%) do que em situações de igualdade (15,1%) e inferioridade numérica (9%).

(iv) Apenas se encontraram correlações positivas, pouco significativas, entre a recuperação da posse de bola em superioridade numérica e os tipos de organização defensivas zona passiva e contenção avançada (r = 0,10). Só é possível confirmar que as equipas cumprem com eficiência os princípios de jogo defensivos recuperando a bola em superioridade numérica em relação a estes dois tipos de organização defensiva.

(v) A *zona pressing* (51%) destaca-se da contenção avançada (38%), da zona passiva (36%) e da zona activa (30%) no que concerne à perda da bola no sector ofensivo. Contudo, nenhum dos tipos de organização defensiva tem associação com a perda da posse de bola nos sectores médio ofensivo e ofensivo. Desta forma, mesmo sendo mais prevalente, não é possível confirmar a *zona pressing* como o tipo de organização defensiva que permite atingir com maior frequência o sector ofensivo.

(vi) Somente no tipo de organização defensiva *zona pressing*, a intercepção (47,8%) e o desarme (31,9%), formas de recuperação da posse de bola não interruptoras do fluxo do jogo, foram as duas mais frequentes. Nos restantes, outras formas disruptoras do fluxo prevaleceram.

(vii) A *zona pressing* não está relacionada com a intercepção embora se associe de forma positiva e fraca com o desarme (r=0,22) e de forma negativa e pouco significativa, com o erro adversário (r=-0,13) e com o golo sofrido (r=-0,08). Deste modo, os resultados parecem apontar para a confirmação da *zona pressing* como precursora do aumento da frequência de recuperação da posse de bola sem interrupção do fluxo do jogo;

(viii) Constatou-se que a frequência de finalizações proporcionada pela recuperação da bola em *zona pressing* (65,5%) prevalece relativamente à contenção avançada (12,7%), à zona passiva (12,7%) e à zona activa (9,1%). A *zona pressing* destaca-se por contabilizar 85,7% dos golos, 100% dos remates enviados ao poste, 68,3% das finalizações defendidas pelos guarda-redes e 60,7% das finalizações para fora.

(ix) A *zona pressing* parece desempenhar o papel principal na perturbação do equilíbrio estratégico - táctico da equipa adversária no sentido que é o tipo de organização defensiva que maior associação apresenta com: as finalizações interceptadas pelo guarda-redes (r=0,18), com os golos (r=0,12) e como que as saem pela linha final (r=0,02). Embora sejam valores estatisticamente pouco significativos, ao se correlacionar positivamente com três (de quatro) resultados das finalizações, parece entrar no campo da confirmação de que a *zona pressing* é percursora do aumento das finalizações.

6. SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Numa etapa final deste trabalho considero que alguns aspectos podem ser ainda aprofundados. Assim futuros estudos podem:

(i) Incluir uma amostra superior, tornando o estudo mais representativo e as conclusões mais precisas e exactas;

(ii) Averiguar sobre uma possível relação entre as zonas de recuperação e de perda da posse de bola, em função dos vários tipos de organização defensiva;

(iii) Considerar a possibilidade reconhecer associação entre outras variáveis não consideradas neste estudo, no âmbito de objectivos diversos dos propostos;

(iv) Estudar especificamente as acções técnico-tácticas dos jogadores, quando em fase defensiva organizados em zona pressing, que desencadeiam as rupturas no sistema adversário.

7. Referências bibliográficas

- **Accame**, F. (1995). *Fútbol en zona*. Gymnos Editorial. Madrid.
- **Amieiro**, N. (2004). *«Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar.* Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- **Araújo**, A. (1998). *Congruência entre o modelo de jogo do treinador e o futebol praticado pela equipa: o contra-ataque. Um estudo de caso em futebol de alto rendimento*. Tese de Mestrado. FCDEF-UP. Porto.
- **Bangsbo**, J. & **Pietersen**, B. (2002). *Fútbol: Jugar en defensa*. Editorial Paidotribo. Barcelona.
- **Barbosa**, D. (2004). *Importância do Modelo de Jogo na operacionalização de todo o processo de treino em Futebol*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- **Barreto**, R. (2003). *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior em Futebol: o «PRESSING» e a «POSSE DE BOLA» expressões de uma «descoberta guiada» suportada pela lógica em que «o todo está na (s) parte(s) que está(ão) no todo»*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- **Bauer**, G. (1994) *Fútbol. Entrenamiento de la técnica, la táctica y la condicíon física.* Editorial Hispano Europea. Barcelona.
- **Bonizzoni**, L. (1988). *Pressing' Story*. Società Stampa Sportiva. Roma.
- **Cabezón**, J. M. & **Fernández**, J. (1996). *La mappa del gol*. Noticiário Settore Técnico – FIGC, 4, 16-21.
- **Caneda Pérez**, R. (1999). *La zona en el fútbol*. Wanceulen. Sevilha.
- **Carvalhal**, C. (2001). *No treino de Futebol de rendimento superior. A recuperação é… muitíssimo mais que "recuperar".* Liminho, Industrias Gráficas Lda. Braga.
- **Castelo**, J. (1986). *A marcação em Futebol*. Ludens, 10 (2), 12-27.
- **Castelo**, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-táctico do jogo*. Edições FMH. Lisboa.
- **Castelo**, J. (1996). *Futebol – A organização do jogo*. Edição do autor.
- **Castelo**, J. (2003). *Futebol – Guia Prático de Exercícios de Treino*. Edição Visão e Contextos. Lisboa.
- **Claudino**, R. (1993). *Observação em desporto. Elaboração de um sistema de observação e sua aplicação pedagógica a jogos desportivos colectivos*. Dissertação de Mestrado. FMH – UTL.

- **Cruyff**, J. (2002). *Me gusta el fútbol*. RBA Libros. Barcelona.
- **Cunha e Silva**, P. (1995). *O lugar do Corpo Elementos para uma cartografia fractal*. Dissertação de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto.
- **Damásio**, A. (1995). *O Erro de Descartes*. (11ª Edição). Publicações Europa-América, Lda. Sintra.
- **Davids**, K.; **Handford**, C. & **Williams**, M. (1994). *The natural physical alternative to cognitive theories of motor interdisciplinary research in sports science. Journal of Sports Sciences*, 12, 495-528.
- **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea** (2001). Academia das Ciências de Lisboa. Verbo. II volume (G-Z).
- **Dugrand**, M. (1989). *Football, de la transparence à la complexité*. Presse Universitaires de France. Paris.
- **Faria**, R. (1999). *"Periodização Táctica". Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- **Faria**, R. (2002). Entrevista in Resende, N. (2002) *Periodização Táctica. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de Futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- **Faria**, R. (2003). Entrevista in Leandro, T. (2003) *Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização.* Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- Fra**d**e, V. (1985). *Alta competição no Futebol – Que exigências de tipo metodológico?* ISEF-UP. Não publicado.
- **Frade**, V. (2002). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada II*, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto. Não publicado.
- **Freitas**, S. (2004). *A Especificidade que está na concentração táctica que está na especificidade… no que deve ser uma operacionalização da Periodização Táctica*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.
- **Garganta**, J.; **Maia**, J.; **Marques**, A. (1996). *Acerca dos Factores do Rendimento em Futebol.* Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, 10 (2), 146-158.
- **Garganta**, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto.

- **Garganta**, J. & **Pinto**, J. (1998). *O Ensino do Futebol* in O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos, 97-137. A. Graça & J. Oliveira (eds). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP. Porto.

- **Goikoetxea Olaskoaga**, A. (2001). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica*. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 68, 8-16. Valladolid.

- **Go Tani**. (2002). *Aprendizagem Motora e Desporto de Rendimento. Um caso de divórcio sem casamento. Desporto e Actividade Física, interacção entre rendimento e saúde*. Manole.

- **Graça**, A. & **Oliveira**, J. (1998). *O Ensino do Basquetebol* in *o* Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos, 61-95. A. Graça & J. Oliveira (eds). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP. Porto.

- **Gréhaigne**, F. (1992). *L'organization du Jeu en football*. Éditions Actio. Joinville-le-pont.

- **Gréhaigne**, F.; **Bouthier**, D. & **David**, B. (1997). *Dynamic System analyses of opponent relationships in collective actions in sport*. Journal of Sport Sciences, 15, 137-149.

- **Hughes**, C. (1990). *The winning formula*. London William Collins & Co. Ltd. London.

- **Hughes**, M.; **Dawkins**, N.; **David**, R. & **Mills**, J. (1998). *The perturbation effect and goal opportunities in soccer*. Journal of Sport Sciences, 16, 20-32.

- **Irureta**, J. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica*. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 85,14-18. Valladolid.

- **Laurier**, A. (1989). *Football – Culture Tactique et príncipes de jeu*. Chiron Sports. Paris.

- **Lillo**, J. M. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica. Seis planteamientos sobre el juego y la táctica*. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 90, 8-13. Valladolid.

- **López Ramos**, A. (1995). *El marcaje: Fundamientos e y trabajo práctico*. Fútbol: Cuadernos Técnicos, 1, 3-14.

- **López Ramos**, A. (2003). *Pressión Defensiva*. abfútbol, 5, 25-40.

- **Lourenço**, L. (2003). *José Mourinho*. Prime Books - Sociedade Editorial, Lda.

- **MacGarry**, T.; **Anderson**, D. I.; **Wallace**, S. A.; **Hughes**, M. D. & **Franks**, I. A. (2002). *Sport competitions as a dynamical self-organizing system*. Journal of Sports Sciences, 20, 771-781.

- **Marinho,** N. (1999). Defesa: ataque ao processo defensivo adversário. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

- **Martins**, F. (2003). *A "Periodização Táctica" segundo Vítor Frade: mais do que um conceito, uma forma de estar e de reflectir o Futebol*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

- **Marziali**, F. & **Mora**, V. (1997). *Coaching de 4-4-2.* Reedswain.

- **Mendes,** A. (2002). *Transições defesa ↔ ataque no Futebol. Estudo comparativo das características do Modelo de Jogo adoptado por uma equipa da 1ª liga e correspondente B*. Monografia de licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

- **Miller**, R. (1994). *Charting to win-soccer*. Scholastic Coach, 64, 62-65.

- **Mombaerts**, E. (1991). *Football – De l'analyse du jeu à la formation du joueur.* Édictions Actio. Joinville-le-Pont.

- **Moreno Serrano**, M. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica.* Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 84, 8-19. Valladolid.

- **Mourinho**, J. (1999). Entrevista a Rui Faria in *"Periodização Táctica". Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

- **Mourinho**, J. (2003a). Entrevista a Nuno Amieiro in *«DEFESA À ZONA» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar.* Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

- **Mourinho**, J. (2003b). Entrevista a Ricardo Barreto in *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior em Futebol: o «PRESSING» e a «POSSE DE BOLA» expressões de uma «descoberta guiada» suportada pela lógica em que «o todo está na(s) parte(s) que está(ão) no todo»*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

- **Perez Garcia**, J. (2002). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica*. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 76, 8-15. Valladolid.

- **Oliveira**, J. (1991). *Especificidade, o Pós-Futebol do Pré-Futebol – Um factor condicionante do alto rendimento desportivo*. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

- **Oliveira**, J. (2003). Entrevista a José Tavares in *Uma noção fundamental: a ESPECIFICIDADE. O como investigar a ordem das "coisas" do jogar, uma espécie de invariâncias do tipo fractal.* Monografia de Licenciatura. FCDEF-UP. Porto.

- **Olsen**, E. (1988). *An analysis of goal scoring strategies in the world championship in Mexico, 1986*. Science and Football: 372-376. Proceedings

of the First World Congress of Science and Football. Liverpool, 1987. T. Reilly, A. Lees, K. Davis & W. J. Murphy (Eds). E & F. N. Spon. London-New York.

📖 **Pacheco**, R. (2001). *O Ensino do Futebol. Futebol de 7 – Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11*. Edição do autor.

📖 **Queiroz**, C. (1983). *Para uma teoria do ensino/treino do Futebol*. Futebol em revista, 4, 25-33.

📖 **Queiroz**, C. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica*. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 93,8-17. Valladolid.

📖 **Reis**, D. (2004). *Transição Defesa-Ataque e Método de Jogo Ofensivo: Que relação?* Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

📖 **Ribeiro,** S. (2003). Modelo de Jogo Adoptado pelo Treinador versus Performance Táctico-Técnica da Respectiva equipa. Estudo de caso realizado na 2ª Liga Portuguesa. Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

📖 **Romero**, D. (2004). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica. El pressing de ataque para el sistema de juego 1-4-2-3-1*. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 99, 18-10. Valladolid.

📖 **Tavares**, J. (2003). *Uma noção fundamental: a ESPECIFICIDADE. O como investigar a ordem das "coisas" do jogar, uma espécie de invariâncias do tipo fractal.* Monografia de Licenciatura, Opção de Futebol. FCDEF-UP. Porto.

📖 **Teodorescu**, L. (1984). *Problemas da Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos.* Livros Horizonte. Lisboa.

📖 **Valdano**, J. (2001). *Apuntes del balón. Anécdotas, curiosidades y otros pecados del fútbol.* La Esfera de los Libros. Madrid.

📖 **Valdano**, J. (2002). *El miedo escénico y otras hierbas*. Aguilar. Madrid.

📖 **Vasquez**, F. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in *nuestra entrevista del mês: entrevista de táctica*. Revista Técnica Profesional - Training Fútbol, 92, 8-15. Valladolid.

📖 **Wrzos**, J. (1984). *Football: la tactique de l'attaque*. Brakel: Broodcoorens Michel.

8. Anexos